

**Análise dos Erros Fonéticos dos Alunos Chineses no
Processo Inicial de Aprendizagem da Língua Portuguesa**

Ren Nan

(2019108684)

**Dissertação de Mestrado em Português
como Língua Segunda e Estrangeira**

Agosto 2021

Agradecimentos

Este trabalho não teria sido possível sem a colaboração e apoio de um conjunto vasto de pessoas que, de uma forma ou outra, incentivaram e ajudaram ao longo da sua realização.

Antes de mais, um agradecimento profundo à orientadora desta tese, a Professora Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva, que contribuiu bastante com ajuda bibliográfica, sugestões, bem como o cuidado e atenção que prestou na leitura deste trabalho, a sua correção deste trabalho.

Um reconhecimento especial a todos os professores e colegas que, de alguma forma, contribuíram na ajuda de troca bibliográfica e, sobretudo, de opiniões para que esta tese se realizasse.

Por último, e talvez os mais importantes, os meus familiares, porque são os responsáveis por ter conseguido chegar a este nível académico e por me terem apoiado sempre, apesar de tudo.

Análise dos Erros Fonéticos dos Alunos Chineses no Processo Inicial de Aprendizagem da Língua Portuguesa

RESUMO

O presente trabalho foca-se no ensino-aprendizagem da fonética e da fonologia do Português Europeu (PE) por alunos chineses, analisando as interferências da língua materna, que é o Mandarim, a fim de contribuir para a melhoria das metodologias no âmbito da competência de produção oral, especialmente na vertente da pronúncia e da entoação da Língua Portuguesa (LP).

Com esse objetivo realizou-se uma investigação com alunos chineses que tinham estudado PE sistematicamente durante 16 meses. Estes foram convidados a ler um excerto de um texto de contexto e a fazer uma gravação da sua leitura com a maior clareza. Os resultados obtidos deram-nos a conhecer não apenas os erros fonológicos mais cometidos, como também os desvios fonéticos, causados pela interferência do Mandarim, menos apercebidos quer por alunos, quer por professores no processo da aprendizagem.

Este resultado e as teorias linguísticas parecem exigir uma maior inclusão de abordagens didáticas viáveis e de metodologias de exercícios práticos para melhorar a capacidade de oralidade dos alunos.

Palavras-chave: ensino-aprendizagem, metodologia, fonética, desvio, pronúncia

Analysis of Chinese Students' Phonetic Errors in the Initial Portuguese Language Learning Process

ABSTRACT

The present work focuses on the teaching-learning of European Portuguese's (PE) phonetics and phonology by Chinese students, analyzing the interferences of the mother tongue, which is Mandarin, in order to contribute to the improvement of methodologies within the scope of competence. of oral production, especially in terms of pronunciation and intonation of the Portuguese Language (LP).

With this objective, an investigation was carried out with Chinese students who had studied PE systematically for 16 months. They were invited to read an excerpt of a text in context and to record their reading as clearly as possible. The results obtained showed us not only the most common phonological errors, but also the phonetic deviations, caused by Mandarin interference, less noticed either by students or teachers in the learning process.

This result and linguistic theories seem to demand a greater inclusion of viable didactic approaches and of practical exercises methodologies to improve the oral ability of the students.

Keywords: teaching-learning, methodology, phonetics, deviation, pronunciation

中国学生在葡萄牙语学习的初始过程中的语音错误分析

摘要

该论文的重点放在中国学生对欧洲葡萄牙语语音和音系的学习,对比葡语和汉语普通话的语音体系,分析其母语普通话的负迁移,以促进口语能力范围内方法论的改进。尤其是在葡萄牙语的发音和语调方面。

为此,我们对系统学习欧葡 16 个月的中国学生进行了调查。他们被邀请阅读一段文本的摘录,并尽可能清楚地记录他们的阅读。获得的结果不仅向我们展示了最常见的语音错误,而且还显示了由普通话干扰引起的语音偏差,学生或老师在学习过程中都很少注意到。

通过调查结果,分析学生的语音偏误原因,再结合语言学理论,最终归纳总结出一系列可行的教学方法和实践练习方法,来提高中国学生的葡语发音能力。

关键词: 教学法、方法论、语音学、偏差、发音

Índice de Siglas

PE: Português Europeu

ANRS: Associação Amigos da Nova Rota da Seda

CPLP: Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

PLE: Português como Língua Estrangeira

QEER: Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

UEEP: Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim

IPA: Internacional Phonetic Alphabet

Índice

| | |
|--|----|
| ENQUADRAMENTO DA REALIDADE DO ENSINO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA CHINA..... | 9 |
| CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS TEÓRICOS DE FONÉTICA E FONOLOGIA..... | 11 |
| I.1 A Importância da Fonética e Fonologia da Língua..... | 11 |
| I.2 Conceito de Fonética e de Fonologia..... | 13 |
| I.3 Objetivo deste Estudo..... | 14 |
| CAPÍTULO II: DESCRIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA LÍNGUA CHINESA..... | 15 |
| II.1 Descrição do sistema fonético do Português Europeu..... | 15 |
| II.1.1 Descrição geral das Vogais..... | 15 |
| II.1.2 Classificação dos ditongos - encontros vocálicos..... | 18 |
| II.2 O conceito de Mandarim e descrição do Sistema de Pinyin..... | 22 |
| II.2.1 Conceito de Mandarim..... | 22 |
| II.2.2 O Sistema do Pinyin..... | 25 |
| II.3 Comparação dos fonemas entre o Português Europeu e o Mandarim..... | 27 |
| II.3.1 Semelhanças e diferenças entre Vogais..... | 28 |
| II.3.3 Diferenças dos ritmos e das entoações..... | 32 |
| CAPÍTULO III: ESTUDO ESPÍRICO..... | 32 |
| III.1 Introdução..... | 32 |
| III.2 Metodologia da Pesquisa..... | 33 |
| III.3 Descrição dos Participantes..... | 34 |
| III.4 Resultados das Gravações..... | 39 |
| III.4.1 Consoantes Oclusivas: [p], [b], [t], [d], [k] e [g]..... | 39 |
| III.4.2 Consoantes fricativas: [f], [v], [s], [z], [ʃ] e [ʒ]..... | 41 |
| III.4.4 Consoantes Vibrantes: [r] e [ʀ]..... | 45 |
| III.4.5 Consoantes Nasais: [m], [n] e [ɲ]..... | 47 |

| | |
|---|----|
| III.4.6 Vogais Orais: [a], [ɐ], [ɛ], [e], [ɔ], [o], [i], [i̇] e [u]..... | 48 |
| III.4.7 Vogais nasais: [ẽ], [ẽ̃], [ĩ], [õ] e [ũ]..... | 55 |
| III.4.8 Os Ditongos Orais..... | 59 |
| III.4.9 Ditongos Nasais..... | 62 |
| CAPÍTULO IV: PROPOSTAS DIDÁTICAS..... | 64 |
| IV.1 Metodologia e Sugestões para os alunos chineses no processo da aprendizagem das vogais e consoantes..... | 64 |
| IV.1.1 Sugestão para ensino-aprendizagem..... | 65 |
| IV.1.2 Metodologia para melhoramento da pronúncia das consoantes..... | 67 |
| IV.1.3 Metodologia para o melhoramento da pronúncia das vogais..... | 69 |
| IV.2 Consideração Final..... | 72 |
| BIBLIOGRAFIA..... | 76 |
| ANEXO..... | 80 |

ENQUADRAMENTO DA REALIDADE DO ENSINO PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA NA CHINA

Cada vez mais a língua portuguesa se assume como uma língua importante à escala mundial e essa realidade já chegou à China. Nos últimos anos, com quatro décadas da Reforma e Abertura, a China, o gigante asiático, tem estabelecido cada vez mais relações estáveis com países lusófonos, quer diplomáticas, quer comerciais. Tanto os protocolos oficiais como as atividades populares interativas têm facilitado e promovido os intercâmbios escolares, comerciais e culturais.

Em 2019, a China já era o principal parceiro comercial do Brasil, sendo que 28,1% das exportações tiveram como destino a China. A China também comprou 20,5 mil milhões de dólares de soja originária do Brasil. O volume da atividade comercial revela-se, assim, de grande relevância.

O relacionamento entre a China e Portugal, e citamos um excerto do discurso do Secretário de Estado da ANRS (Associação Amigos da Nova Rota da Seda), João Torres, *“caracteriza-se por laços de amizade e de entendimento mútuo, fruto de mais de cinco séculos de contacto entre nosso povo. Queremos naturalmente reforçar esses laços e a cooperação entre dois países”*. De facto, isto revela-se nos fluxos de investimento e imigração na última década. Além disso, a China tem sempre mantido boas relações bilaterais com países da África, entre eles Angola, Moçambique, Guiné Bissau, Cabo Verde, que são países cuja língua oficial é o português. Cada vez mais empresas chinesas iniciam novas obras ao nível das infraestruturas, a fim de melhorar os níveis de vida dos locais. Enquanto isso, os países africanos também aproveitam o grande mercado da China para exportar os seus recursos naturais.

Convém igualmente salientar que Macau, uma Região Administrativa Especial da China, antiga colónia portuguesa cuja soberania foi transferida para a China em 1999, continuou a manter a língua portuguesa como uma das línguas oficiais. Graças a Macau, que funciona como uma ponte que liga dois mundos distintos, há mais

oportunidade e facilidade no diálogo entre o povo chinês e os povos dos países de língua portuguesa (CPLP).

Com o aumento da necessidade de comunicação, no que diz respeito à formação de especialistas bilíngues, a China tem apostado fortemente na aprendizagem do Português como Língua Estrangeira (PLE). De acordo com a apresentação da professora Catarina Xu, docente de português da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, há 55 instituições que já abriram o curso de Ensino de PLE na China. Entre eles, 46 de licenciatura, 4 de bacharelato e 5 como disciplina opcional, compreendendo cerca de 200 docentes chineses e mais de 1.600 aprendentes. No entanto, segundo Ye (2014), até 1999, na China apenas se encontravam duas universidades oferecendo o curso de licenciatura em Estudos Portugueses: a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim (UEEP) e a Universidade de Estudos Internacionais de Xangai.

Comparando com a situação de 1999, o Ensino Superior no âmbito de Estudos Portugueses tem alcançado um grande êxito nos últimos vinte anos, citamos as palavras de Yan Qiaorong (Universidade de Comunicação da China) em palestra: *O ensino de Português, nesse período relativamente curto, passou por um processo “da explosão ao amadurecimento”*.

No entanto, Ye (2014) refere que a criação de cursos de português exige mais apoios, tanto materiais quanto humanos. Para resolver o problema de carência de professores na área de ensino de línguas estrangeiras menos populares, uma das medidas lançadas pelo Ministério da Educação da China foi autorizar as universidades com cursos de línguas menos procuradas a fazer “recrutamento independente” (Wang, 2014, p.90). Por isso, desde 1992, “os candidatos com provas escritas e orais específicas podem ser admitidos diretamente pelas instituições onde essas línguas são lecionadas, sem participar no exame vestibular” (Yan, 2017, p.38). Mesmo que a formação de um docente qualificado seja demorada, há cada vez mais alunos de mestrado e de doutoramento, após formação, que decidiram juntar-se ao corpo docente. Como mencionado por Xu (2020), há 200 docentes chineses espalhados em

mais de cinquenta instituições na China continental. Por outro lado, a falta de leitores, isto é, professores de países lusófonos, impede a promoção do ensino-aprendizagem do português. Um leitor qualificado tem uma função insubstituível no processo de ensino: (i) como uma pessoa alheia com características distintas, naturalmente atrai mais atenção dos alunos; (ii) o seu enquadramento social e cultural desperta o interesses dos alunos e desenvolve a sua competência sociocultural; (iii) a sua formação em educação e a sua maneira de pensar trazem diferentes opiniões quando o leitor colabora com outros docentes chineses; (iv) um professor originário do país da língua-alvo ajuda a criar um ambiente de imersão, expondo os alunos à língua-alvo, melhorando várias capacidades da língua, em particular da fonética. Para superar essa dificuldade, há cada vez mais instituições que recrutam professores com experiência de ensino provenientes de Portugal e do Brasil. Além disso, há cada vez mais protocolos de intercâmbio, daí que muitos alunos chineses aproveitam para estudar em universidades lusófonas durante pelo menos um ano.

CAPÍTULO I: FUNDAMENTOS TEÓRICOS DE FONÉTICA E FONOLOGIA

I.1 A Importância da Fonética e Fonologia da Língua

A competência de língua compreende quatro aspectos, nomeadamente, compreensão oral, produção oral, compreensão de leitura e escrita. Baseado nestas quatro habilidades, promove-se a capacidade de tradução. O objetivo de aprender uma LE é o de comunicar. Atualmente, já não escrevemos cartas como escrevíamos no passado, colocando num envelope o texto e aguardando pela resposta. No século XXI, a interação verbal surge com mais frequência do que a escrita. Assim, basta telefonar e realizar uma videochamada, quando queremos falar com os nossos amigos ou

participar numa reunião. Por isso, a capacidade de interação oral é muito importante, particularmente para os estudantes de LE. Imaginemos o seguinte cenário:

Chego a um balcão de uma padaria e pergunto ao empregado:

-Gostaria de pedir duas baguetes e dois bolos de arroz, por favor.

-Aqui tem, no total são três euros e cinquenta cêntimos.

-Está aqui.

-Muito obrigado, até à próxima vez!

-Tenha um bom dia, tchau tchau.

Quando moramos em países de língua portuguesa, estas pequenas conversas como a mencionada ocorrem quase todos os dias. Através desta interação simples, os ouvintes, especialmente os falantes nativos, podem identificar o nível de português do falante estrangeiro de acordo com as seguintes vertentes:

1 - A capacidade cognitiva, nomeadamente como os falantes da língua-alvo transmitem uma mensagem: (i) a ordenação lógica do discurso; (ii) o conhecimento sociocultural e (iii) a eloquência do discurso. Em princípio, é necessário ter uma boa capacidade cognitiva quando se pretende discutir um certo tema mais profundamente.

2 - A capacidade linguística, ou melhor dizendo, como os falantes da língua-alvo formulam um enunciado linguístico, incluindo conjugação verbal, correspondência das palavras, uso de preposições e conjunções, tempos verbais e outras regras gramaticais. Com o aprofundamento da aprendizagem, os falantes têm de se esforçar para cometer cada vez menos erros gramaticais, no seu discurso, aproximando-se à produção oral dos falantes nativos.

3 - A capacidade fonética também é uma dimensão significativa na produção oral. A qualidade da articulação não só dá a primeira impressão aos ouvintes, como também tem grande influência na compreensão e na comunicação.

O diálogo do cenário mencionado é muito curto, informal e quotidiano. Quando

participamos neste tipo de conversa não precisamos ter uma capacidade cognitiva e linguística de nível muito elevado. Podemos citar o critério de A2 de QECR no âmbito da interação oral geral: “É capaz de lidar com trocas habituais e simples e sem muito esforço; é capaz de fazer e responder a perguntas, trocar ideias e informações sobre assuntos que lhe são familiares e em situações familiares previsíveis.” Quer os alunos de A2 quer os de C1 devem ter essa competência de lidar com estas situações. Contudo, mesmo assim, os interlocutores, particularmente os falantes nativos, conseguem facilmente distinguir essa diferença de nível de proficiência. Porquê? Porque a capacidade fonética desempenha um papel muito significativo.

I.2 Conceito de Fonética e de Fonologia

O estruturalismo estabeleceu-se no início dos anos 1930. A distinção entre fonética e fonologia está sobretudo presente nos trabalhos realizados no âmbito do Círculo Linguístico de Praga e nas obras dos estruturalistas americanos. Trubetzkoi, em 1939, no seu artigo *Principles of Phonology*, definiu a fonética como “a ciência da face material dos sons da linguagem humana” e a fonologia como o estudo que “deve procurar que diferenças fónicas estão ligadas, na língua estudada, as diferenças de significado, como se comportam entre si os elementos de diferenciação (ou marcas) e segundo que regras podem combinar-se uns com os outros para formar palavras e frases.” Bloomfield, em 1933, no seu artigo *Language*, denomina fonologia (ou fonética prática) “o estudo dos sons significativos do discurso”, afirmando que a fonologia “inclui a consideração do significado”.

Em síntese, a fonética é uma disciplina que estuda os sistemas das línguas, enquanto que a fonologia é uma ciência que estuda as características físicas, articulatórias, acústicas e perceptivas da produção, propagação e percepção dos sons da fala, fornecendo métodos para a sua descrição e classificação. “Os sons da fala constituem a primeira instância através da qual temos contacto com qualquer língua ou dialeto” (Silva, 2007, p.77).

Os fonemas que se juntam deixam-nos uma primeira impressão de uma

determinada língua. A palavra “fonema” tem origem no grego (Fono+emas=unidades distintas). As palavras são a unidade básica de interação verbal e são criadas pela junção dos fonemas. Estes fonemas são as unidades sonoras menores produzidas pelo ser humano, classificados em vogal, semivogal e consoante. Na sua realização no contexto específico, alguns fonemas vão-se alterando ligeiramente no seu som original; estes são alofones do seu fonema correspondente, tal como [b] e [β], [d] e [ð], [g] e [ɣ]. A composição fonética das palavras refere-se à estrutura silábica, sequência de fonemas, acentos e tons. De um modo mais profundo, a fonética da frase está relacionada com a prosódia, o acento da frase, o ritmo e a entoação.

I.3 Objetivo deste Estudo

No processo da aprendizagem de uma língua segunda ou língua estrangeira, em princípio, os alunos são frequentemente influenciados pelo sistema da sua língua primeira ou língua materna, cometendo alguns erros sistemáticos inconscientemente. No processo da aprendizagem da fonologia e da fonética da LP, os alunos chineses vão aplicar à língua portuguesa as regras de pronúncia da sua língua materna, o que, por vezes, poderá induzir em erro alguns falantes.

Este Estudo foca-se na comparação e na análise, articulando as metodologias do behaviorismo e do estruturalismo, analisando o sistema fonético da língua materna, o Mandarim, e da língua-alvo, Português europeu. Como consequência, são previsíveis as dificuldades e os erros dos alunos chineses. Os dados deste Estudo resultam da investigação realizada com a participação de 20 estudantes de PE, comprovando ou não hipóteses e previsões das quais resultarão sugestões e estratégias.

CAPÍTULO II: DESCRIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA LÍNGUA CHINESA

Neste trabalho, optámos por utilizar o máximo possível o Alfabeto Fonético Internacional (IPA- *International Phonetic Alphabet*). O critério escolhido para esta preferência foi apenas o de facilitar a aprendizagem e homogeneizar o uso internacional dos símbolos fonéticos, a fim de facilitar a comparação do sistema fonético da língua portuguesa com o da língua chinesa.

II.1 Descrição do sistema fonético do Português Europeu

II.1.1 Descrição geral das Vogais

O sistema fonológico da língua portuguesa é composto pelas seguintes partes: as vogais, as semivogais, as consoantes e o acento. As vogais, nomeadamente os fonemas vocálicos, são os fonemas pronunciados sem obstáculo à passagem do ar. No português europeu há catorze fonemas vocálicos: [a], [ɐ], [˜ɐ], [ɛ], [e], [ẽ], [ɔ], [o], [õ], [i], [ĩ], [ĩ], [u], [ũ]. Contudo, apenas existe cinco letras vocálicas no sistema ortográfico: *a, e, i, o, u*. Por isso, a relação entre os fonemas vocálicos e as grafias não é correspondente. Mesmo assim, através dos grafemas podemos identificar a sua pronúncia específica. De um modo geral, há três normas que nos ajudam: (i) a sua posição na palavra, (ii) o acento específico e (iii) quando se juntam a certas consoantes. Por exemplo, a letra <a>, em geral, ocorrida na sílaba tónica pronuncia-se [a], como <a> em *carro*; no entanto, se aparecer na sílaba átona, torna-se [ɐ], como <a> em *menina*. A letra <o> com o acento agudo [´], enuncia-se [ɔ], como <ó> em *óbvio*; coloca-se um acento circunflexo [^], o <ô> produz o som de [o], como <ô> em *avô*; o símbolo de nasalização, designadamente, o til [~] transfere o fonema oral para o nasal, o <õ> tem o som de [õ], como <õ> em *põe*. Para além do til, em alguns

casos, as vogais juntam-se com certas consoantes que também nasalizam a sílaba: a letra <i> em *sim*, quando se junta com a grafema <m> produz o som de [ĩ]. Sintetizamos no quadro que se segue.

Quadro 1 – Fonemas e grafemas

| Fonemas | Grafemas | Exemplos |
|---------|-----------------|---|
| [a] | <a>, <á>, <à> | ca sa, cá , à s |
| [ɐ] | <a>, <â> | v aga , câ mara |
| [ɛ] | <e>, <é> | ela , pé |
| [e] | <e>, <ê> | ele , pês sego |
| [ɔ] | <o>, <ó> | você , ób io |
| [o] | <o>, <ô> | sonho , avô |
| [u] | <u>, <ú>, <o> | tudo , últ imo, faço |
| [i] | <i>, <í>, <e> | fixe , saí , Helena |
| [i] | <e>, <i> | mente , Filipe |
| [ĩ] | <im>, <in> | sim , pingo |
| [ẽ] | , <en> | Empatia , lento |
| [ẽ̃] | <am>, <an>, <ã> | tampa , banco , maçã |
| [õ] | <om>, <on>, <ô> | som , onze , põe |
| [ũ] | <um>, <un> | um , mundo |

Fonte: Mateus, *Fonética, fonologia e morfologia do português*, 1990: 304-307

As vogais podem ser classificadas em orais e nasais como referido anteriormente. Além disso, há mais dois parâmetros para descrever as vogais portuguesas. Como pode ser verificado na Figura 1 (abaixo), horizontalmente, desde a base até ao topo, o som varia de aberto a fechado, [a] é uma vogal aberta cujo ponto de articulação se dá

através do maior desnível da língua, abrindo-se a cavidade bucal para a passagem do ar. Por sua vez, a vogal [u] é a mais fechada dado que o ponto de articulação está mais perto do véu palatino, deixando menos espaço para a passagem do ar. Nesta dimensão, os fonemas vocálicos do PE podem ser classificados em aberto ([a]), semiaberto ([ɛ], [ɔ], [ɐ] e [ẽ]), semifechado ([e], [ẽ], [o] e [õ]) e fechado ([i], [ĩ], [ɨ], [u] e [ũ]).

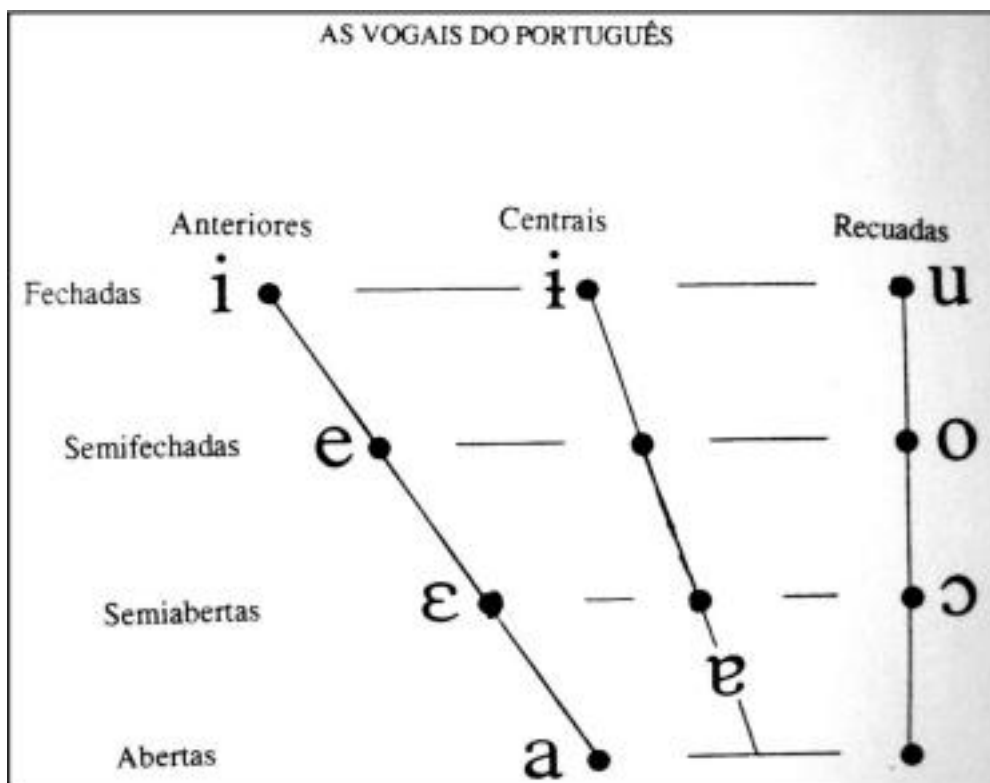


Figura 1 - Classificação das Vogais do Português

(Veloso, 1999, p.27)

Verticalmente, de acordo com a posição do dorso da língua na cavidade bucal, denominam-se vogais anteriores, centrais e recuadas.

Vogal anterior (ou palatal) é a vogal cujo ponto de articulação se situa na parte mais anterior da boca, com a língua em direção ao palato duro. No PE, as vogais representativas são [ɛ], [e], [ẽ], [i] e [ĩ].

Vogal central (ou média) é a vogal cuja pronúncia acontece com a ajuda da parte média do dorso da língua, próxima à parte central da abóbada palatina. Eles são [a], [ẽ], [e] e [i].

Vogal recuada (ou velar) é a vogal cujo ponto de articulação se dá com a elevação do dorso posterior da língua em direção ao véu palatino, tais como [ɔ], [o], [õ], [u] e [ũ].

As semivogais têm sempre que se juntar às vogais. Na língua portuguesa, há duas semivogais orais e duas nasais que são [j], [w], [~j] e [~w]. Estas semivogais, em princípio, surgem com outras vogais, daí que constituam ditongos e tritongos. Comparadas com as vogais, as semivogais produzem-se mais fracas e curtas.

Quadro 2 – Fonemas e grafemas

| Fonemas | Grafemas | Exemplos |
|---------|------------------------------------|---------------------------------------|
| [j] | <e>, <i> | Moraes, seis |
| [w] | <u> | mau |
| [~j] | , <en>, <ãe>, <õe>, <ui>, <ãi> | bem, benfica, mãe, põe, muito, câibra |
| [~w] | <ão>, <am> | mão, comeram |

Fonte: Mateus, *Fonética, fonologia e morfologia do português*, 1990: 304-307

II.1.2 Classificação dos ditongos - encontros vocálicos

O ditongo é a sequência de uma vogal e de uma semivogal (<i> e <u>), fonologicamente classificadas como consoantes, por razões distribucionais e articatórias, e que se pronunciam numa só emissão de voz.

Os ditongos, de um modo geral, classificam-se como ditongos decrescentes, ditongos crescentes e ditongos nasais. Os ditongos decrescentes são compostos por uma vogal forte seguida de uma semivogal, tais como [aj], [ɔj] e [ɛw]; os ditongos

crescentes aparecem posteriormente aos fonemas [k] e [g], sendo que [w] surge primeiro, emitindo uma produção gradualmente mais sonora. As palavras mais comuns são <qualquer> e <aguentar>. Os ditongos nasais são compostos por vogais e semivogais nasais, tais como [ẽ̃j] e [ẽ̃w]. Podemos verificar os fonemas e grafemas correspondentes no quadro 3.

Quadro 3 – Fonemas e grafemas decrescentes e nasais

| Decrescentes | | | Nasais | | |
|--------------|----------|---------------|---------|----------|----------------|
| Fonemas | Grafemas | Exemplo | Fonemas | Grafemas | Exemplo |
| [aj] | <ai> | pai | [ẽ̃j] | <ãe> | mãe |
| | <ae> | Moraes | | <ãi> | cãibra |
| [ej] | <ei> | feito | | | quem |
| [ej] | <éi> | hotéis | | <en> | benfica |
| [oj] | <oi> | moita | [ẽ̃w] | <ão> | mão |
| [oj] | <ói> | dói | | <am> | comeram |
| [uj] | <ui> | Rui | [õ̃j] | <õe> | põe |
| [aw] | <au> | mau | [ũ̃j] | <ui> | muíto |
| | <ao> | caos | | | |
| [ew] | <eu> | seu | | | |
| [ew] | <éu> | céu | | | |

Fonte: Mateus, *Fonética, fonologia e morfologia do português*, 1990: 304-307

2.1.3 Descrição geral das Vogais

“As consoantes são sons linguísticos modificados por certos órgãos da cavidade bucal e que se pronunciam numa só emissão de voz” (Espada, 2000, p.57). No português europeu, segundo a intervenção das cavidades bucal e nasal, podemos classificá-las como as consoantes orais e nasais. De acordo com o modo de articulação, todas as consoantes são categorizadas em oclusivas e constrictivas (incluindo fricativas, laterais e vibrantes). Na produção de um som, as consoantes surdas são aquelas com participação mínima ou inexistente das cordas vocais; quanto às consoantes sonoras com vibração óbvia das cordas vocais. Há seis pontos ou zonas de articulação das consoantes portuguesas que são: bilabiais, labiodentais, linguodentais, alveolares, palatais e velares. Sintetizamos no quadro abaixo.

Quadro 4 – Consoantes do Português

| Intervenção das cavidades bucal e nasal | | Orais | | | | | | Nasais |
|---|---------------|-----------|---------|---------------|---------|----------|-----------|---------|
| | | Oclusivas | | Constrictivas | | | Oclusivas | |
| Modo de articulação | | | | Fricativas | | Laterais | Vibrantes | |
| Intervenção das cordas vocais | | Surdas | Sonoros | Surdas | Sonoras | Sonoras | Sonoras | Sonoras |
| Ponto ou zona de articulação | Bilabiais | [p] | [b] | | | | | [m] |
| | Labio-dentais | | | [f] | [v] | | | |
| | Linguodentais | [t] | [d] | [s] | [z] | | | |
| | Alveolares | | | | | [l] | [r] | [n] |
| | Palatais | | | [ʃ] | [ʒ] | [ʎ] | | [ɲ] |
| | Velares | [k] | [g] | | | | [R] | |

Fonte: Espada, *Manual de Fonética*, 2017, 2ª Edição: 57

Na língua portuguesa, há alguns fonemas que só têm uma única letra correspondente, tais como <p>, , <f>, <v>, <t>, <d>, <m>, <n> e <l>. No entanto, existem fonemas que podem ser descritos por mais que um certo grafema, tais como [k], que pode ser representado por <c> e <qu>, e [g], que pode ser transcrito como <g> e <gu>, [ʃ] pode ser representado por <ch>, <s>, <z> e <x>. Podemos verificar os fonemas consonânticos e os seus grafemas no quadro que se segue.

Quadro 5 - Fonemas consonânticos e os seus grafemas

| Consoante | | |
|-----------|--------------------------|---|
| Fonemas | Grafemas | Exemplos |
| [p] | <p> | p ão |
| [b] | | b olo |
| [t] | <t> | t igre |
| [d] | <d> | d á |
| [k] | <c>, <qu> | ca fé, qu eijo |
| [g] | <g>, <gu> | g ato, carangue jo |
| [f] | <f> | f avor |
| [v] | <v> | v ista |
| [s] | <c>, <ç>, <s>, <ss>, <x> | c éu, moça , sala , passa , próximo |
| [z] | <s>, <x>, <z> | ca sa, exa me, z ero |
| [ʃ] | <s>, <x>, <z>, <ch> | cais , X avier, rapaz , chega |
| [ʒ] | <j>, <g>, <s>, <z> | J ogo, g émeo, mesmo |
| [l] | <l> | l uva |
| [ʎ] | <lh> | pi lha |
| [r] | <r> | fr ango |
| [ʀ] | <r>, <rr> | r ato, carro |
| [m] | <m> | m ole |
| [n] | <n> | n ada |

| | | |
|-----|------|-------|
| [ɲ] | <nh> | minha |
|-----|------|-------|

Fonte: Mateus, *Fonética, fonologia e morfologia do português*, 1990: 304-307

Convém salientar que a acentuação desempenha um papel muito importante na língua portuguesa. O acento agudo [´] pode ser utilizado sobre todas as cinco letras vocálicas (*a, e, i, o, u*), indicando que essas letras representam as vogais das sílabas tónicas. Tais como **sábado**, **pé**, **ambíguo**, **lógica** e **último**, articulando os sons mais abertos. O acento grave [`] aparece principalmente sobre a letra “a” quando a preposição “a” se junta com artigos e pronomes, tais como **à** (a preposição “a” junta-se com o artigo “a”), **àquele** (a preposição “a” junta-se com “a” do pronome “aquele”) e **às** (a preposição “a” junta-se com “a” do artigo “as”), articulando o som aberto. O acento circunflexo [^] indica que as letras “a”, “e” e “o” representam vogais tónicas com timbre semiaberto ou semifechado, tais como **lâmpada**, **bêbado**, **avô**. O til [~] em princípio aparece sobre as letras “a” e “o”, representando vogais tónicas e também nasalizando esta sílaba, tais como **mãe**, **piões**.

II.2 O conceito de Mandarim e descrição do Sistema de Pinyin

II.2.1 Conceito de Mandarim

De um modo geral, costuma-se dizer que os chineses falam o chinês. No entanto, de vez em quando, também dizem que os chineses falam o Mandarim. Qual é a relação entre o Mandarim e o Chinês? Será o Mandarim ou o Chinês que assume o papel de língua franca e língua oficial? A China, sendo um país com 1,4 mil milhões de habitantes, não pode ser um país monolíngue. Quantos dialetos principais há neste território gigantesco? Quando se fala da área da língua chinesa, estas dúvidas surgem de imediato.

A China é um país multiétnico unificado, quer dizer que há 1,4 mil milhões de habitantes oficialmente designados em 56 etnias que convivem e partilham a mesma terra. Há a etnia Han (汉族), que abrange 91% da população, e outras 55 etnias minoritárias. A Língua da etnia Han designa-se por 汉语 (*Hanyu*), que literalmente

significa a língua da etnia Han. Praticamente todas as etnias minoritárias têm a sua própria língua, tais como a etnia Zang, sendo que a maioria reside no distrito autónomo do Tibete e falam 藏语 (Zangyu), a etnia russa fala russo e a etnia coreana fala coreano. As línguas das etnias minoritárias correspondem às suas próprias letras e caracteres.

Dentro de Hanyu, também existe vários dialetos, classificados como Mandarim do Norte, Mandarim do Rio Abaixo, Mandarim do Sudoeste, dialeto Wu, dialeto Hací, dialeto Min, cantonês, dialeto Xiang, e dialetos isolados. Mesmo que eles soem bastante diferentes e não sejam inteligíveis oralmente, todos os dialetos chineses estão ligados através dos caracteres chineses. A força dos caracteres chineses faz com que um funcionário estatal de Cantão consiga enviar um relatório de trabalho ao imperador / president na Capital (Pequim), porque os caracteres são inteligíveis.

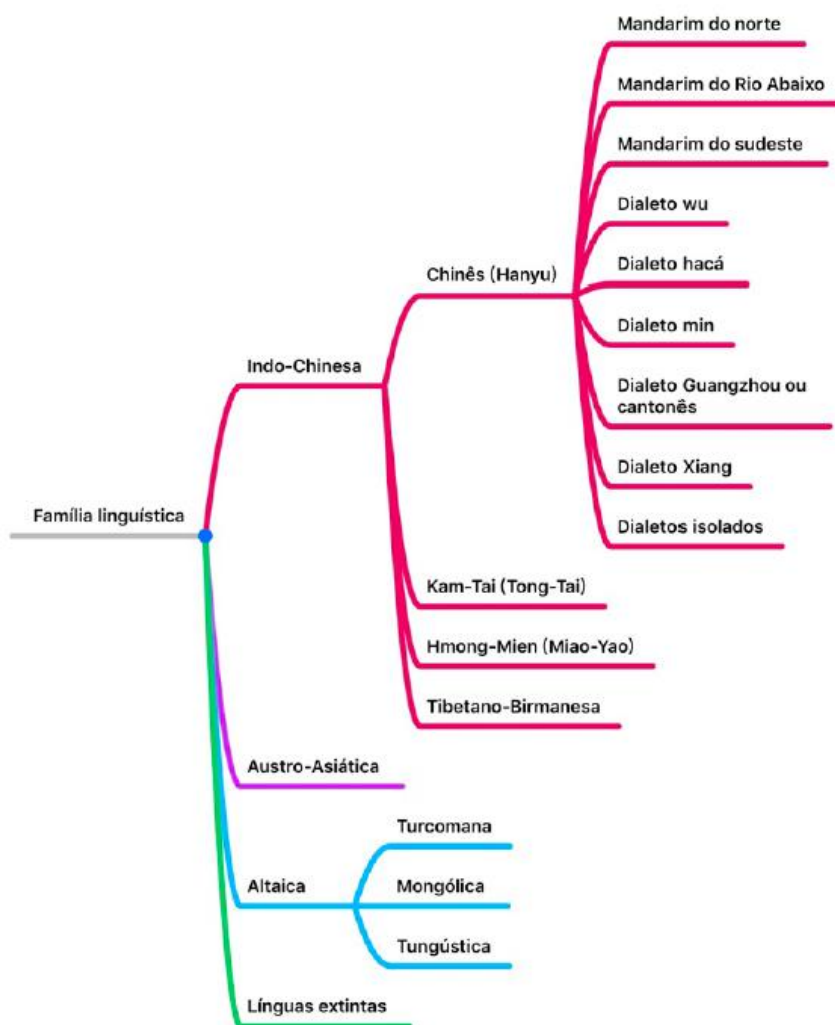


Figura 2 - Famílias Linguísticas na China (Li, 1973, pp. 1-6)

Como a região do Norte da China desempenha um papel de centro político desde há um longo período temporal, existe mais falantes nativos do Mandarim do Norte do que dos dialetos das outras regiões. Foneticamente, o Mandarim do Norte tem menos fonemas e os sons são mais fáceis de pronunciar e de aprender. O Mandarim do Norte, mais especificamente, o dialeto de Pequim, conseguiu um papel oficial, sendo este a única língua oficial e língua padrão na China continental. Para facilitar a aprendizagem do Mandarim e popularizar o Mandarim à escala nacional, os especialistas da língua criaram um sistema fonético para que todos os cidadãos

possam aprender o Mandarim de acordo com um sistema uniforme.

II.2.2 O Sistema do Pinyin

De acordo com a metodologia da análise da fonologia tradicional da língua chinesa, costumamos dividir uma sílaba em duas partes: as iniciais e as finais.

O Pinyin consiste em iniciais, finais e tons. As iniciais e as finais são transcritas pelas letras latinas. As iniciais são praticamente compostas pelas consoantes, mas também incluem duas iniciais, <y> e <w>, que soam como semivogais [j], [w]. Distinguindo-se do PE, cada fonema consonântico só pode ser transcrito por um único grafema correspondente ao sistema do Pinyin. Por exemplo, o som [k] pode ser transcrito como <qu> e <c> no PE; no entanto, no Pinyin só a letra <g> soa como [k]. O quadro 6 descreve as iniciais do Pinyin: 22 consoantes, entre estas 21 tratam-se como iniciais consonânticas, [ŋ] cujo grafema é <ng>; mesmo que seja um fonema consonântico, em vez de assumir a função das outras iniciais, torna-se, apenas, numa final quando se junta com outras vogais, sendo uma consoante nasal.

Quadro 6 - Descrição do sistema fonético das iniciais

| Intervenção das cavidades bucal e nasal | | Orais | | | | | Nasais | |
|---|---------|-----------|--------|------------|---------|------------|----------|-----------|
| | | Oclusivas | | Africativa | | Fricativas | Laterais | Oclusivas |
| Aspirada ou não aspirada | | Não | Sim | Não | Sim | | | |
| Bilabiais | Surdas | b [p] | p [pʼ] | | | | | |
| | Sonoras | | | | | | | m [m] |
| Labio-dentais | Surdas | | | | | f [f] | | |
| dentais | Surdas | | | z [ts] | c [tsʼ] | s [s] | | |
| Alveolares | Surdas | d [t] | t [tʼ] | | | | | |

| | | | | | | | | |
|-------------|---------|-------|--------|---------|----------|--------|-------|--------|
| | Sonoras | | | | | | l [l] | n [n] |
| Retroflexos | Surdas | | | zh [ʈʂ] | ch [ʈʂʻ] | sh [ʂ] | | |
| | Sonoras | | | | | r [ʐ] | | |
| Palatais | Surdas | | | j [tɕ] | q [tɕʻ] | x [ɕ] | | |
| Velares | Surdas | g [k] | k [kʻ] | | | h [x] | | |
| | Sonoras | | | | | | | ng [ŋ] |

Comparada com as consoantes, a articulação das vogais é mais simples. Cada língua tem fonemas mais básicos como a sua base de fonologia. O Mandarim da língua chinesa possui 39 finais; de entre estas, todas possuem, pelo menos, um fonema vocálico. Há 10 vogais básicas no Mandarim; no entanto, existe 14 no PE. As finais do Mandarim classificam-se como as finais simples que possuem apenas uma vogal e as finais compostas. As finais compostas podem ainda ser classificadas como finais vocálicas compostas que consistem apenas em vogais e finais compostas nasalizadas.

Há 10 fonemas vocálicos no Mandarim que são [a], [o], [ə], [i], [u], [y], [ɿ], [ʉ], [ə̃]. No entanto, quando os fonemas vocálicos se juntam com algumas caudas, o som original muda.

Quadro 7 – Fonemas vocálicos no Mandarim

| Formato de boca | | Inicair com vogais não [i], [u]e[y] | Iniciar com [i] | Iniciar com [u] | Iniciar com [y] | Formato de boca |
|-----------------|-----------|-------------------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|------------------|
| Estrutura | | | | | | Cauda dos finais |
| Finais | Composto | -i[ɿ] [ʉ] | i[i] | u[u] | ü[y] | Finais sem cauda |
| | por vogal | a[a] | ia[ia] | ua[ua] | | |

| | | | | | | |
|-----------------------|--|---------|-----------|-----------|----------|--------------------------------|
| simples | | o[ɔ] | | uo[uo] | | |
| | | e[y] | | | üe[ye] | |
| | | ê[ɛ] | ie[iɛ] | | | |
| | | er[ə] | | | | |
| Finais com- postas | Composto por vogais | ai[ai] | | uai[uai] | | Finais com cauda vocálica |
| | | ei[ei] | | uei[uei] | | |
| | | ao[au] | iao[iau] | | | |
| | | ou[ou] | iou[iou] | | | |
| | Composto por vogal e consoante nasal | an[an] | ian[iɛn] | uan[uan] | üan[yan] | Finais com cauda nasalizada |
| | | en[ən] | in[in] | uen[uən] | ün[yn] | |
| | | ang[ɑŋ] | iang[iɑŋ] | uang[uɑŋ] | | |
| | | eng[əŋ] | ing[iŋ] | ueng[uəŋ] | | |
| | | | | ong[uŋ] | iong[yŋ] | |
| | | | | | | |

Através deste quadro é possível aperceber-se de que as semivogais se mantêm como [i] e [u] nas finais compostas. No entanto, em PE, [i] e [u] foram transcritos como [j] e [w] nos ditongos. Apesar disso, foneticamente, [i] e [j] , [u] e [w] soam parecidos. Por isso, a fim de facilitar a comparação, transcrevem-se alguns [i] e [u] para fonemas [j] e [w].

II.3 Comparação dos fonemas entre o Português Europeu e o Mandarim

Neste ponto, o nosso Estudo foca-se nas descrições fonéticas, na comparação dos fonemas entre estas duas línguas. Apresentam-se as semelhanças e as diferenças no âmbito destas unidades mínimas. Como consequência, avançamos com hipóteses

relacionadas com os pontos que dificultam que os alunos chineses aperfeiçoem a sua competência de produção oral. Estas hipóteses serão ou não comprovadas com os dados do estudo empírico.

II.3.1 Semelhanças e diferenças entre Vogais

Note-se que as finais simples no Pinyin podem ser transcritas como monotongos, pelo que podem ser comparadas com as do PE. De acordo com os quadros apresentados anteriormente, existe vários monotongos iguais tanto no Mandarim quanto no PE que são: [a], [ɛ], [i], [o], [u]. Por isso, foneticamente, os alunos chineses não vão encontrar grande dificuldade quando começam a aprender PE. Supostamente, uma parte dos alunos não se apercebe das transcrições do IPA, não conhece quais são os sons alvos. Neste sentido, os professores podem aproveitar as palavras do Mandarim que possuem os sons da língua-alvo para que os alunos consigam perceber melhor. Por outro lado, as vogais como [ɤ], [e], [ɔ] e [ɨ] são mais complicadas para os alunos chineses, dado que não há padrões relacionados no sistema do Pinyin. Convém salientar que fonemas [ɤ] e [e] são mais fechados e a posição do dorso da língua é mais alta comparada com [a] e [ɛ]. No entanto, os alunos chineses raramente reconhecem as diferenças entre estes dois pares de vogais.

No que diz respeito às vogais nasais - [ɤ̃], [ẽ], [õ], [ĩ] e [ũ] -, para os alunos chineses é uma área completamente nova. No sistema do Pinyin não existe vogais nasais, por isso os alunos chineses não têm um conceito muito claro em relação aos fonemas nasais. Como consequência, os professores têm de levar mais tempo para explicar como emitir as vogais nasalizadas. Destaca-se, no entanto, que há caudas nasalizadas nas finais compostas que, devido aos grafemas e demoninação parecida, muitos alunos confundem no processo inicial da aprendizagem, sofrendo uma influência do Mandarim.

Como se referiu anteriormente, alguns [i] e [u] no sistema do Pinyin podem ser vistos como [j] e [w], comparando entre as finais compostas do Mandarim e os ditongos de PE. Saliente-se que nos ditongos decrescentes e nasais, apenas há dois

encontros vocálicos iguais, e ambos iniciam-se com [a] e finalizam com uma semivogal: [aj] e [aw]. Focar-nos-emos nos grafemas, mesmo que soem diferente. Muitos grafemas transcrevem-se de modo igual nas duas línguas: <en> de Benfica soa [ẽ], mas pronuncia-se [ɛn] no Mandarim; <an> de António soa [ã], contudo, a pronúncia é [an] na língua franca da China. Estes fenómenos confundem os alunos chineses, fazendo com que os aprendentes pronunciem os grafemas de uma maneira mais familiar.

No Pinyin, os grafemas finalizados com <ng> denominam-se como os finais compostos com caudas nasalizadas, cuja transcrição é [ŋ]. Os finais relacionados são <ang>, <eng>, <ing> e <ong>, que se transcrevem como [ɑŋ], [ɛŋ], [iŋ] e [uŋ], para substituir os fonemas das palavras finalizadas com grafemas <-am>, <-em>, <-im> e <-om>, cujos fonemas, de fato, são [ãw], [ãj], [ĩ] e [õ]. Este desvio é muito comum na aprendizagem de PE para os alunos chineses. Pretendemos provar com os dados da nossa investigação.

2.3.2 Semelhanças e diferenças entre as Consoantes

Há 22 iniciais no sistema do Pinyin: 21 são consoantes, as restantes [ŋ] são um elemento dos finais compostos. Em PE, existe menos fonemas consonânticos - 19. Os fonemas do Pinyin só têm um único representante da letra correspondente, pelo que algumas consoantes de PE podem ser transcritas por mais de um tipo de grafema; alguns grafemas podem pronunciar-se com vários sons de acordo com certas regras. Por exemplo: no sistema do Pinyin, <s> só pode ser pronunciado como [s], o fonema de <ch> só pode ser transcrito como [tʂʰ]. Contudo, <s> pode soar como [s]; além disso, quando surge entre as vogais, soa [z]; aparece no final da sílaba, torna-se a [ʃ]; quando em fim de sílaba, antecedendo uma consoante sonora, soa como [ʒ]. Destaca-se que [ʃ] pode transcrever-se como <ch>, <x> e <s> e <z> (como variantes contextuais em final de sílaba). Por causa disso, muitos alunos chineses não articulam

com precisão estes sons, ou melhor dizendo, cometem muitos erros fonéticos devido a não estarem familiarizados com as regras (até alguns são irregulares).

Bilabiais

Há três consoantes bilabiais em PE ([b], [p], [m]) e Mandarim([pʰ], [p], [m]). Teoricamente, os alunos chineses não vão encontrar muitas dificuldades sobre [p] e [m] dado que existe os mesmos fonemas na nossa língua materna. Não duvido a [m] que não custa aprender, no entanto, atente-se que os grafemas relacionados com [pʰ] e [p] são <p> e , ambos sendo consoantes surdas, nomeadamente, quando as cordas vocais quase não participam no processo de produção, só que <p> [pʰ] é aspirada e [p] é não aspirada. Como consequência, pressuponho que os alunos chineses encontrem dificuldades em dois pontos: não conseguem dominar bem a produção de [b] que é uma consoante sonora, tais como [d] e [g] que já a seguir referiremos; por causa da percepção negativa da língua materna, produz-se [pʰ] quando se encontra a letra <p>.

Labiodentais

Provavelmente, as consoantes produzidas neste ponto de articulação são mais simples. Há [f] e [v] dois fonemas em PE, a anterior é surda e a posterior é sonora. Somente existe [f], oficialmente, uma consoante labiodental no sistema fonético do Mandarim, [v] que surge frequentemente na produção oral dos habitantes do Norte. Estes costumam usar [v] a substituir [w] em certas palavras. Entretanto, o fonema [v] existe nos vários dialetos da China. Por isso, acreditamos que a maior parte dos aprendentes chineses consegue articular estes sons perfeitamente.

Linguodentais

Há quatro consoantes linguodentais em PE: [t], [d], [s] e [z]. como já se referiu, [t] e [d] são um par de consoante oclusiva, articulado pela ápice da língua e os dentes da frente, só que [t] é surdo e [d] é sonoro. No entanto, também existe articulação

semelhante no sistema do Pinyin: [tʰ] aspirado e [t] não aspirado. Mesmo que sejam ambos transcritos como [t], o do Mandarim revela pouca diferença a [t] de PE. No processo de articulação, o ápice da língua toca mais a alvéolos em vez de tocar completamente nos dentes da frente, daí que [tʰ] e [t] classificam-se como consoantes alveolares no Pinyin. Além de identificar intervenção das cordas vocais, os alunos chineses têm de prestar mais atenção de colocar ápice da língua na posição correta. Existe [s] no Pinyin mas não há [z]; o fonema [z] de PE trancreve-se como <z>, cuja pronúncia é [ts]. Duvidamos que haja muitos alunos chineses que se confundam [z] e [ts].

Alveolares

Há [l], [r] e [n] três consoantes alveolares em PE, e [n] e [l] no Mandarim ([tʰ] e [t] já se mencionam. Portanto, [n] e [l] não vão ser muito difíceis para pronunciar, mas [r] não existe no nosso sistema fonético. [r] é resultante da vibração da língua, denominada como vibrante. O vibrante simples, nomeadamente, [r] surge sempre na posição intervocálica, encontros consonânticos, final de sílaba ou final de palavra. Os chineses não conseguem pronunciar este fonema no processo inicial, usando [l] como substituição.

Palatais

Destacam-se quatro consoantes palatais em PE, nenhuma existe no Pinyin. São [ʃ] e [ʒ] cujo modo de articulação é fricativo, oral, [ʃ] é surdo e [ʒ] é sonoro. Contudo, existe duas consoantes fricativas mas retroflexas <sh> [ʂ] e <r> [ʐ] que podem causar confusão. [ʌ] como uma consoante palatal e lateral não se encontra no Pinyin, tais como consoante palatal e nasal, sendo difícil praticar a sua pronúncia.

Velar

[k] e [g] podem classificar-se como um grupo, a diferença é que [k] é surdo e [g] é sonoro. [kʰ] e [k] do Mandarim também são vistos como um par, a diferença é que [kʰ] é aspirado e [k] é não aspirado, ambos são surdos. Por isso, teoricamente [k] é

muito fácil pronunciar, mas [g] é mais difícil. [ʀ] é uma consoante vibrante múltipla, cujo ponto de articulação é úvula. Como já se referiu anteriormente, não existem consoantes vibrantes no Mandarim, [ʀ] deve ser um fonema novo para os alunos chineses. Porém, a consoante fricativa e velar [x] que se transcreve como <h> podem confundir-se com [ʀ].

II.3.3 Diferenças dos ritmos e das entoações

O Mandarim possui quatro tons que não existem nas línguas ocidentais e, por conseguinte, na aprendizagem de PE. Como consequência, os alunos chineses falam português com demasiado ritmo o que demora tempo para haver habituação. No que diz respeito a entoação na produção oral, o PE é *stressed-timed*, nomeadamente, a duração de tempo entre as sílabas acentuadas mantém-se relativamente consistente. O intervalo entre as sílabas tónicas é relativamente igual, as sílabas não acentuadas vão ser alteradas para ser mais curtas e mais suaves, assim se revela um símbolo significativo da fonologia do PE: redução das vogais. Entretanto o Mandarim é *syllable-timed*, ou seja, cada sílaba dura um período mais ou menos igual, pelo que a maioria das sílabas, no Mandarim, são pronunciadas plenamente e claramente.

CAPÍTULO III: ESTUDO ESPÉRICO

III.1 Introdução

Hoje em dia, o ensino-aprendizagem do Português na China está cada vez mais maduro. No entanto, “devido ao seu período de desenvolvimento relativamente curto, é inevitável que ainda existam muitos aspetos insatisfatórios” (Zhang, 2017, p.179). Muitos alunos chineses não conseguem evitar os desvios influenciados pela sua língua materna, e até os professores, por vezes, não se apercebem. Com vista a tentar solucionar este problema, nesta dissertação e com base no estudo empírico realizado, irão apresentar-se algumas propostas no âmbito de fonética e fonologia, fazendo para que os aprendentes chineses de PE possam aperceber-se melhor dos erros.

III.2 Metodologia da Pesquisa

Para tal efeito, decidiu-se aplicar um questionário. Os 20 participantes têm origens diferentes na China e estão a tirar o curso de Estudo do Português nas diferentes universidades espalhadas por todo o país. Estes 20 alunos chineses foram questionados quanto a: data de nascimento, sexo, língua materna, dialeto, experiência de estadia nos países lusófonos e proficiência das outras línguas estrangeiras além de PLE.

Na sequência deste inquérito, foi-lhes pedido que lessem cinco pequenos diálogos extraídos do livro “Manual de Fonética”, elaborado por Francisco Espada, previamente selecionado para o efeito com base na variedade dos sons que pretendíamos estudar, como se apresenta de seguida.

Diálogo um

- *São todos teus irmãos?*

- *Não, só os três rapazes: o João, o Pedro e o António. Esta é a Paula, é a mulher do João, e aquela é a Sónia, a mulher do Pedro.*

Diálogo dois

- *Sim, o dia está tão bonito! O Rui está?*

- *O Rui? Ainda está a dormir! É domingo.*

Diálogo três

- *A senhora é secretária?*

- *Não, sou rececionista. Trabalho num hotel.*

- *Quantos anos tem?*

- *Vinte e dois.*

- *É portuguesa?*

- *Sou, sim.*

Diálogo quatro

- *Quem é esta rapariga loira com a camisola às riscas?*

- *É a Sofia. É minha colega, trabalha aqui em Setúbal, na mesma escola que eu. É professora de Matemática. Esta, morena, com o cabelo comprido, é a Rita. Mora em Aveiro e trabalha num banco. A outra, mais baixa, de calças de ganga, é a Guida. Mora em Lisboa e está a estudar medicina.*

Diálogo cinco

- *E agora a previsão do tempo para amanhã. Nas regiões do Norte e do Centro, o céu vai estar muito nublado e podem ocorrer períodos de chuva no litoral. No Sul, o céu vai estar limpo e o sol vai brilhar durante todo o dia.*

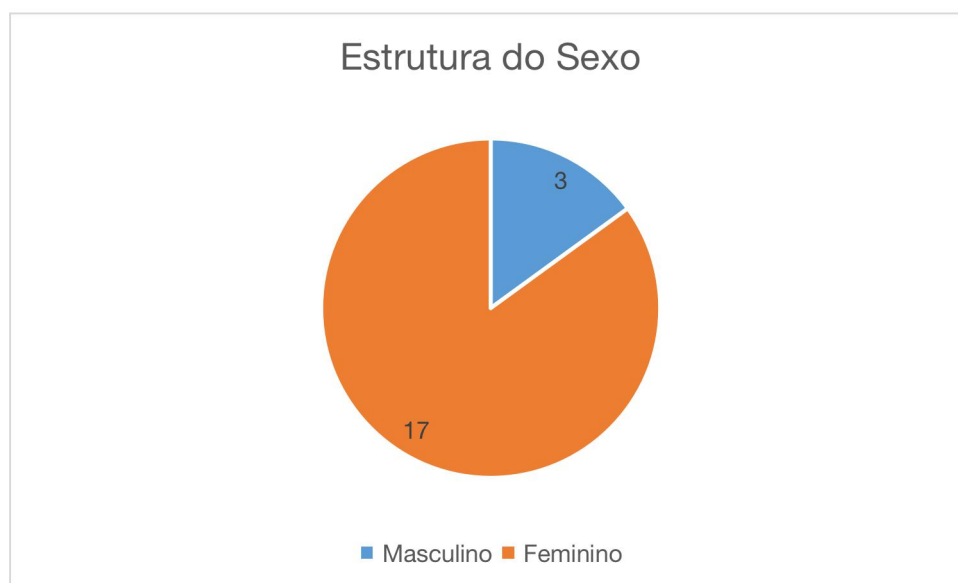
Devido ao seu período de aprendizagem relativamente curto, seleccionámos estes cinco pequenos diálogos onde surgem palavras mais simples e do quotidiano, a fim de que os alunos não fossem perturbados pelas palavras complexas desconhecidas. Foi-lhes pedido que, depois de terem praticado, lessem os diálogos como se estivessem a conversar com um falante nativo.

III.3 Descrição dos Participantes

Os participantes são estudantes universitários, nascidos na China, a tirar o curso

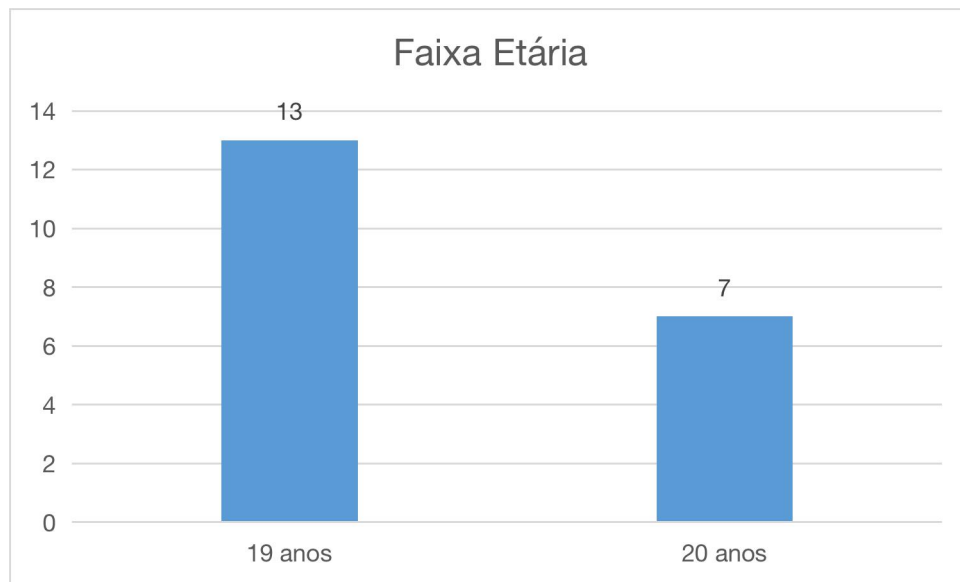
de PE. Entre eles, há 3 rapazes (15%) e 17 raparigas (85%) (gráfico 1). Uma breve reflexão sobre estes dados demonstra também que o curso de língua portuguesa atrai mais alunas que alunos na China.

Gráfico 1 – Participantes por Sexo



Todos os alunos estão a tirar o curso de segundo ano letivo (ver gráfico 2): 13 alunos com 19 anos e 7 alunos com 20 anos. Consideramos que quer os alunos com 19 anos, quer os de 20 anos já perderam a *época de ouro* para aprender uma língua estrangeira. Como já ultrapassam os 18 anos têm de utilizar uma maneira diferente.

Gráfico 2 – Faixa etária dos participantes



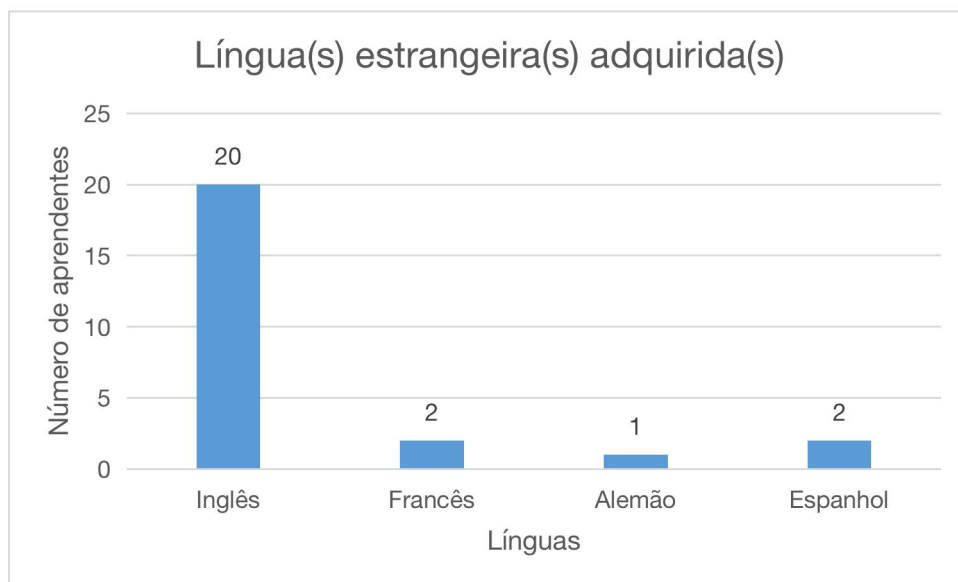
Como se referiu anteriormente, a China é um país com um território vasto, existindo várias línguas no continente chinês. Entre elas, o Mandarim é a língua oficial e franca, enquanto os dialetos prevalecem nas várias regiões. Estes 20 participantes adquiriram o Mandarim como língua maternal e de entre eles 8 alunos sabem falar outros dialetos (gráfico 3).

Gráfico 3 – Participantes que falam dialetos



Segundo os dados recolhidos, verifica-se que a proficiência em Inglês que cada participante domina apresenta uma grande diversidade, de B1 a C1. Todos os alunos tinham aprendido Inglês como a sua primeira língua estrangeira, dado que esta língua franca internacional está na lista das disciplinas obrigatórias no seu percurso formativo. Além de Inglês, dois alunos aprenderam francês por seu interesse, uma aluna sabe falar um pouco espanhol, um aluno tem espanhol e alemão como terceira e quarta línguas estrangeiras, respetivamente (gráfico 4). Estes dados mostram que todos os alunos tinham a perceção da língua estrangeira e experiência de aprendizagem na mesma, pelo que a sua compreensão do domínio dos processos envolvidos na perceção e na produção são aplicáveis a qualquer aprendizagem de uma nova língua. As metodologias e os conhecimentos podem ser utilizados no processo de aprendizagem de outra língua estrangeira, ou melhor dizendo, isso vai ajudar os alunos a aprenderem português com uma mentalidade e dimensão diferentes.

Gráfico 4 – Línguas estrangeiras aprendidas pelos participantes



Todos os participantes selecionados apresentam três características comuns:

1. adquiriram o Mandarim da língua chinesa como língua materna;
2. aprenderam PE mais que um ano mas menos que dois anos;
3. nunca estiveram nos países de língua portuguesa.

Segundo os inquiridos, todos começaram a estudar PE depois de terem entrado na universidade, nomeadamente desde setembro de 2019 até hoje em dia, portanto, um ano e seis meses. Note-se que as aulas em que os professores explicam sistematicamente as regras relacionadas com a fonética e com a fonologia duram entre seis a doze meses. Após um ano de prática, os alunos já dominam basicamente os jeitos e as regras de pronúncia. Como nenhum participante esteve em países lusófonos, os alunos aprendem português sob o ensino de professores e leitores, tentam encontrar materiais didáticos na Internet com o objetivo de imersão linguística. Alguns erros e desvios originados pelo Mandarim podem não ser apercebidos, mas alguns alunos já os reconhecem embora custe produzir perfeitamente.

III.4 Resultados das Gravações

As gravações da leitura dos diálogos pelos participantes foram ouvidas por uma portuguesa que nasceu em Lisboa, comparado com o material auditivo original do Manual de fonética de acordo com o seguinte sistema de registo: se um fonema surge no texto com certa frequência e é reproduzido com grande desvio, é registado com um “x” que representa mal pronunciado.

Os resultados estão organizados em duas partes: a primeira parte refere-se aos fonemas consonânticos, a segunda parte foca-se nos fonemas vocálicos. As consoantes foram classificadas em oclusivas, fricativas, laterais, vibrantes e nasais. As vogais dividem-se em monovogais, ditongos decrescentes e ditongos nasais.

III.4.1 Consoantes Oclusivas: [p], [b], [t], [d], [k] e [g]

| | [p] | [b] | [t] | [d] | [k] | [g] |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| P-1 | | x | | x | | x |
| P-2 | | | | | | x |
| P-3 | | x | | x | | x |
| P-4 | | x | | x | | x |
| P-5 | | x | | | | x |
| P-6 | | x | | x | | x |
| P-7 | | | | | | x |
| P-8 | | x | | x | | x |
| P-9 | | x | | x | | x |
| P-10 | | x | | | | |
| P-11 | | x | | x | | |
| P-12 | | | | | | x |
| P-13 | | | | | | x |

| | | | | | | |
|------|--|---|--|---|--|---|
| P-14 | | | | | | x |
| P-15 | | | | | | |
| P-16 | | x | | x | | x |
| P-17 | | x | | x | | x |
| P-18 | | x | | x | | x |
| P-19 | | x | | x | | x |
| P-20 | | x | | x | | x |

Quadro 8 – Consoantes oclusivas

A partir dos dados do quadro acima, podemos verificar que 17 falantes apresentaram dificuldade no fonema [g], 14 falantes não conseguiram pronunciar [b] perfeitamente, 12 falantes encontraram dificuldades na produção do [d]. Nos restantes fonemas [p], [t] e [k] os participantes revelaram relativamente menos dificuldades. Como já referimos anteriormente, estes seis fonemas podem ser vistos como três pares: [p] e [b], [t] e [d], [k] e [g]. Os grafemas <p>, <t> e <k> no Mandarim encontram os sons aspirados [pʰ], [tʰ] e [kʰ]; no entanto, em PE pronunciam-se como [p], [t] e [k] cujos grafemas correspondentes são , <d> e <g> (figura 3).

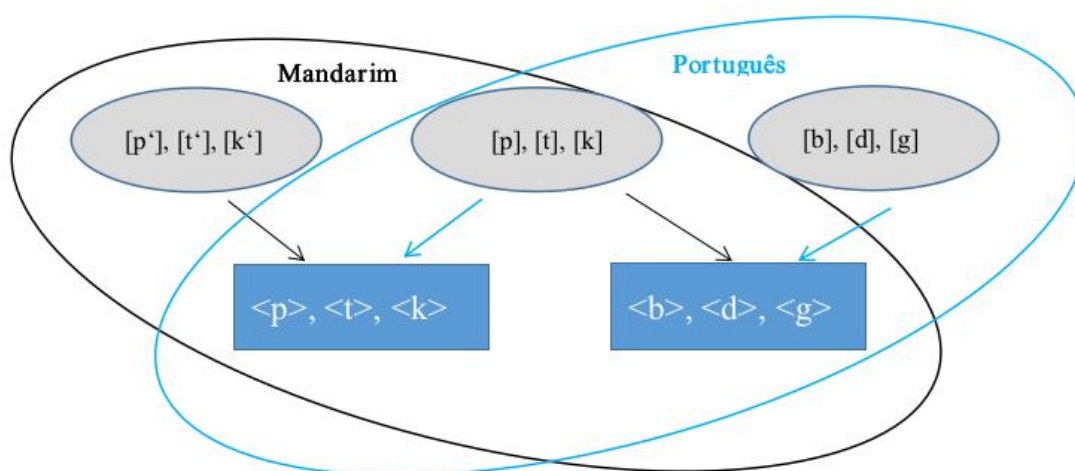


Figura 3 – Dificuldade na reprodução de certas consoantes

Como resultado, os aprendentes de Mandarim têm de superar as seguintes dificuldades para adquirirem a pronúncia correta das consoantes oclusivas de PE: (i) têm de evitar produzir os sons aspirados nos grafemas <p>, <t> e <k>; (ii) habituar-se a produzir os sons de , <d>, <g> do Mandarim quando se referem os grafemas de <p>, <t> e <k> de PE; (iii) têm de aprender as consoantes sonoras [b], [d] e [g] que não existem no sistema fonético do Mandarim.

Depois de uma aprendizagem de um ano e meio de PE, todos os participantes não conseguem evitar produzir os sons aspirados. Em geral, os alunos também podem pronunciar <p>, <t> e <k> de uma maneira correta, no entanto existe a vibração aparente das cordas vocais quando se produzem certas palavras, tais como tampa, lento e banco. As consoantes da última sílaba destas palavras transcrevem-se como [p], [t] e [k], em muitos casos, e alguns alunos articulam as consoantes surdas como as consoantes sonoras, como [b], [d] e [g], devido à influência das vogais nasais. Contudo, esta situação só acontece em poucos casos, dado que muitos alunos não conseguem dominar bem as vogais nasais e, por isso, não vai afetar as consoantes seguidas. Conclui-se que não há muitos desvios e erros no âmbito destas consoantes surdas.

No entanto, revelam-se mais dificuldades relacionadas com as consoantes oclusivas e sonoras. Como se pode observar no quadro acima, três quartos dos alunos têm um desvio relacionado a fonemas [b], [d] e [g]. Por motivo de articulação, os alunos têm dificuldade em vibrar as cordas vocais naturalmente, em vez de soar como [b], [d] e [g] sempre confundem com [p], [t] e [k]. Por outro lado, apenas existe um aluno que dá atenção às variantes correspondentes: [β], [ð] e [ɣ].

III.4.2 Consoantes fricativas: [f], [v], [s], [z], [ʃ] e [ʒ]

De acordo com ponto ou zona de articulação, as consoantes fricativas podem classificar-se em três pares: labiodentais ([f] e [v]), linguodentais ([s] e [z]) e palatais

([ʃ] e [ʒ]). Entre elas, as anteriores são surdas e as posteriores são sonoras.

Quadro 9 - Consoantes fricativas

| | [f] | [v] | s] | [z] | [ʃ] | [ʒ] |
|------|-----|-----|----|-----|-----|-----|
| P-1 | | | | | x | |
| P-2 | | | | | | |
| P-3 | | | | | x | x |
| P-4 | | | | | | x |
| P-5 | | | | x | | x |
| P-6 | | | | | | x |
| P-7 | | | | | | |
| P-8 | | | | | | |
| P-9 | | | | | | |
| P-10 | | | | | | |
| P-11 | | | | | x | |
| P-12 | | | | | | |
| P-13 | | | | | x | x |
| P-14 | | | | | x | x |
| P-15 | | | | | | |
| P-16 | | | | | x | x |
| P-17 | | | | | | |
| P-18 | | | | | | x |
| P-19 | | | | | x | x |
| P-20 | | | | | x | x |

Como se verifica no quadro acima, as consoantes labiodentais e linguodentais são relativamente simples de pronunciar para os alunos chineses, apenas um aluno pronuncia mal o fonema [z]. As consoantes [f] e [s] existem no sistema do Mandarim, também os correspondentes grafemas <f> e <s>, por isso os alunos chineses podem beneficiar da percepção da sua língua materna. Mesmo que [v] não exista oficialmente, quer fonema, quer grafema <v> no sistema do Pinyin, surge com frequência na produção oral informal. O [v] é produzido para substituir [w] em certas sílabas no Norte da China, tais como 围巾 (wéi jīn) que pode pronunciar-se como (véi jīn). Além disso, [v] também existe na maior parte dos dialetos da língua chinesa.

Todos os participantes tinham aprendido Inglês, [v] é uma parte do sistema fonético do Inglês. Todas as razões ajudam os aprendentes a poderem dominar a pronúncia de [v]. Relativamente a [z], o grafema correspondente <z> existe no sistema do Pinyin mas com fonema diferente: [ts]. Felizmente, os 19 participantes já conseguem superar os desvios do Mandarim, evitando pronunciar [ts], só um participante cometeu este desvio involuntariamente. Ao mesmo tempo, os alunos já adquiriram [z] do Inglês, revelando esta transferência positiva em PE.

Contudo, observe-se que existem mais dificuldades na emissão das consoantes palatais. Tendo em conta os dados acima, 8 participantes cometem erros fonéticos relacionados a [ʃ], 10 mostram certos desvios no som [ʒ]. As consoantes palatais são pronunciadas pelo contacto entre a língua e o palato. No entanto, não existe [ʃ] e [ʒ] no sistema do Pinyin; há duas consoantes retroflexivas: uma é surda [ʂ] e outra é sonora [ʐ]. As consoantes retroflexivas provocam uma curva na língua para serem pronunciadas. A maior transferência negativa é porque os alunos pronunciam essas duas consoantes palatais como consoantes retroflexivas, substituindo [ʃ] por [ʂ], [ʒ] por [ʐ] sem consciência.

Note-se que [ʒ] em vários casos pronuncia-se como [dʒ], soando como <d> antes de <i> no português do Brasil, tal como gelo [ˈʒelu], Júlia [ˈʒuliɐ], mas são pronunciados como [ˈdʒelu] e [ˈdʒuliɐ]. Além da letra <g> e <j>, o grafema <s> também vai sofrer uma variação nalguns casos, soando como [ʒ], como, por exemplo,

quando <s> surge em fim de sílaba seguido por uma consoante sonora, soando [ʒ], como Lisboa, mesmo e lesma. Quando <s> surge em fim de palavra sem pausa ou antecede uma consoante sonora, em vez de pronunciar-se [ʃ], soa [ʒ], tal como em: “Tens de dormir!” e “Queres limpar a casa? ” As consoantes sonoras vão sonorizar [ʃ] para [ʒ]. No entanto, apenas um participante se deu nota disso.

3.4.3 Consoantes Laterais: [l] e [ʎ]

Quadro 10 – Consoantes laterais

| | [l] | [ʎ] |
|------|-----|-----|
| P-1 | | x |
| P-2 | | x |
| P-3 | | x |
| P-4 | | x |
| P-5 | | |
| P-6 | | |
| P-7 | | |
| P-8 | | |
| P-9 | | x |
| P-10 | | x |
| P-11 | | x |
| P-12 | | |
| P-13 | | |
| P-14 | | |
| P-15 | | |

| | | |
|------|--|---|
| P-16 | | x |
| P-17 | | |
| P-18 | | x |
| P-19 | | |
| P-20 | | |

[l] é uma consoante lateral, produzindo-se quando a ápice da língua toca alvéolos, dado que este fonema existe no sistema do Mandarim, pelo que todos os participantes não encontram grande dificuldades em pronunciar [l]. No entanto, no que diz respeito à sua variante [ɫ], apenas um participante se apercebeu desta variante (quadro 10). O modo da produção desta variante é igual a [l], só que [ɫ] apenas surge no fim de sílaba ou de palavra. Por isso, quando se articulam as palavras como <sol>, <casal> e <Raquel>, tendo acabado com ápice da língua tocado com alvéolos, muitos alunos ignoraram-no, terminando com uma semivogal [w] para substituir [ɫ]. Além disso, quando uma palavra com [ɫ] surgiu antes de uma vogal, nenhum participante juntou [ɫ] com a vogal como uma sílaba nova. A frase “Qual é o teu nome?” em vez de pronunciar-se como [ˈkwɛˈlɛwˈtɛwˈnomi], muitos alunos produzem como [ˈkwɛwˈɛˈoˈtɛwˈnomi].

Comparado com [l], o fonema [ʎ] considera-se como uma das mais complicadas consoantes para os alunos chineses. Em primeiro lugar, destaca-se o modo da produção. A ápice da língua tem de tocar em alvéolos, a parte posterior do dorso levanta-se até tocar no palato duro, obstando a passagem do ar, deixando o ar passar através de dois lados da língua. De entre os 20 participantes, 4 articulam como [l], 5 articulam como [li], outros 11 alunos cometem menos erros mas ainda não estão habituados a produzi-lo naturalmente.

III.4.4 Consoantes Vibrantes: [r] e [ʀ]

Quadro 11 – Consoantes vibrantes

| | [ɾ] | [R] |
|------|-----|-----|
| P-1 | | x |
| P-2 | | x |
| P-3 | | x |
| P-4 | | x |
| P-5 | | |
| P-6 | | |
| P-7 | | x |
| P-8 | | x |
| P-9 | | x |
| P-10 | | x |
| P-11 | x | |
| P-12 | | x |
| P-13 | | x |
| P-14 | | x |
| P-15 | | x |
| P-16 | | x |
| P-17 | | x |
| P-18 | | |
| P-19 | | x |
| P-20 | | x |

As consoantes vibrantes podem ser classificadas em vibrante simples [r] e vibrante múltipla [ʀ], que não múltipla [ʀ], que não existe no sistema do Pinyin.

Contudo, as consoantes vibrantes são mais marcadas pelas línguas românicas, e quer professores, quer alunos apercebem-se desta importância. Por isso, no processo do ensino-aprendizagem, focam-se neste aspecto. Depois de um ano de prática, apenas um participante pronuncia mal [r].

Relacionado com a vibrante múltipla [ʀ], observamos que quatro quintos dos participantes em vez de fazerem vibrar a zona uvular para pronunciar [ʀ], pronunciam um som como [x] que está transcrito como <h> no sistema do Pinyin.

III.4.5 Consoantes Nasais: [m], [n] e [ŋ]

Quadro 12 – Consoantes nasais

| | [m] | [n] | [ŋ] |
|------|-----|-----|-----|
| P-1 | | | |
| P-2 | | | |
| P-3 | | | |
| P-4 | | | |
| P-5 | | | |
| P-6 | | | |
| P-7 | | | |
| P-8 | | | |
| P-9 | | | |
| P-10 | | | |
| P-11 | | | |
| P-12 | | | |
| P-13 | | | |

| | | | |
|------|--|--|--|
| P-14 | | | |
| P-15 | | | |
| P-16 | | | |
| P-17 | | | |
| P-18 | | | |
| P-19 | | | |
| P-20 | | | |

Na língua portuguesa, há três sons produzidos pelo nariz: [m], [n] e [ɲ]. Obviamente, as consoantes nasais não causam dificuldade aos participantes pelo que nenhum pronunciou de forma incorreta (quadro 12). Os sons, [m] e [n] encontram-se na maior parte das línguas naturais, e o mandarim não é exceção. Por isso, os alunos chineses beneficiam por transferência positiva, sem qualquer problema na aprendizagem destes dois sons. Mesmo que [ɲ] não se encontre no sistema do Pinyin, muitos alunos pronunciavam-no como [ni], nomeadamente a consoante [n] mais a vogal [i]. Após um ano de prática, todos os alunos conseguem aperceber-se desta diferença ligeira entre [ni] e [ɲ].

III.4.6 Vogais Orais: [a], [ɐ], [ɛ], [e], [ɔ], [o], [i], [ĩ] e [u]

Comparando com as consoantes, parece que as vogais do PE são um desafio maior para os alunos chineses. No que diz respeito ao vocalismo, também dividimos em duas partes: vogais e ditongo, mais especificamente os ditongo mais aparecidos no contexto quotidiano. Neste trabalho não se mencionam os tritongos, porque os tritongos são compostos por um ditongo e uma semivogal. As semivogais são fáceis para os alunos chineses e, por isso, poderão pronunciar bem os tritongos quando dominarem as dicas de pronúncia dos ditongos.

As vogais orais são [a], [ɐ], [ɛ], [e], [ɔ], [o], [i], [ĩ] e [u]. Através da análise e da classificação dos dados do inquérito, é possível saber os erros que os participantes

cometem na gravação e descobrir desafios e o que causa esses erros (quadro 13).

Quadro 13 – Vogais orais

| | [a] | [ɐ] | [ɛ] | [e] | [ɔ] | [o] | [u] | [i] | [i] |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| P-1 | | x | | x | | | | | |
| P-2 | | x | | x | | | | | |
| P-3 | | x | | x | | x | | | |
| P-4 | | | | | | x | | | |
| P-5 | | x | | | | x | | | |
| P-6 | | | | | | | | | |
| P-7 | | | | | x | | | | |
| P-8 | | x | | x | | | | | |
| P-9 | | x | | x | | | | | |
| P-10 | | | | | x | x | | | |
| P-11 | | x | | | | x | | | |
| P-12 | | x | | x | | x | | | |
| P-13 | | x | | x | | x | | | |
| P-14 | | | | | | x | | | |
| P-15 | | x | | | | | | | |
| P-16 | | | | x | | x | | | |
| P-17 | | x | | | | | | | x |
| P-18 | | | | | | | | | x |
| P-19 | | x | | | | x | | | |
| P-20 | x | x | | x | | x | x | | x |

Através do quadro acima, podemos observar que os alunos chineses cometem mais erros nos fonemas [ɤ], [e] e [o] do que [a], [ɛ] e [ɔ]. Assim, apenas um aluno não consegue pronunciar [a] corretamente e 13 alunos não têm a certeza de identificar <a> como um som semiaberto [ɤ] em vez de [a] no processo de leitura e pronunciar bem. Todos os participantes conseguem pronunciar [ɛ] perfeitamente, não obstante referido à sua variante semifechada [e]. 9 alunos não conseguem pronunciar bem constantemente. 90% dos entrevistados sabem exatamente como pronunciar [ɔ], enquanto mais de metade, nomeadamente 11 alunos, pronunciam [o] como [ɔ] em certos cenários. Relativamente a fonemas [u], [i] e [ɨ], os dados revelam que os alunos chineses encontram muito menos dificuldades em pronunciar: apenas um aluno pronuncia mal [u] nalgumas palavras e três alunos pronunciam [ɨ] incorretamente.

[a] e [ɤ]

Ambos [a] e [ɤ] são transcritos pela letra <a>. Como já se mencionou anteriormente, [a] é uma vogal aberta e existe no sistema do Pinyin, cujo jeito de pronúncia é relativamente simples. Portanto, não custa nada pronunciar este som no aspeto físico. Quer no sistema do Pinyin, quer no PE, o fonema [a] apenas é transcrito pela letra <a>, daí que não surge nenhuma diferença no aspecto de percepção dos conhecimentos. No entanto, [ɤ] não existe no sistema do Pinyin, o som mais parecido é [a]. Conforme as regras de pronúncia do PE, é essencial diferenciar o som [ɤ] e o som [a]. Comparado com [a], quando se pronuncia [ɤ] a boca fica mais fechada e o dorso da língua fica ligeiramente mais alto que [a]. De facto, não é difícil dominar o jeito de pronunciar depois de umas vezes de práticas para os alunos chineses. Entretanto, quando se pronuncia este som na palavra ou até na frase, custa muito habituar-se. Contudo, os alunos ficam sempre confusos quanto a identificar <a> na palavra para pronunciar como [ɤ] em vez de [a].

Quando a letra <a> se pronuncia como fonema [a]:

- numa sílaba tónica (ocupado, **alto**, barato)
- com um acento agudo (está, sofá, **Guaraná**)
- com um acento grave (**â**, **à**quele)

Quando a letra <a> se pronuncia como fonema [ɐ]:

- numa sílaba átona ou não acentuado (fila, **palavra**, **garota**)
- com um acento circunflexo (**câ**mara, **lâ**mpada)
- nas enclínicas (**cada**, **a**, **para**, **da**, **na**)
- seguido das consoantes nasais <m>, <n> e <nh> (**l**ama, **b**anho, mand**a**mos, **c**ana)

De acordo com as gravações dos entrevistados, observamos que 8 alunos não se deram a <a> seguido das consoantes nasais e continuaram a pronunciar como vogal aberta, 4 alunos ainda pronunciam [a] mesmo que <a> fique na sílaba átona e nas enclínicas. Além de <a> que pode ser pronunciado como [ɐ], a letra <e> quando se junta com certas consoantes ou vogais também se pronuncia como [ɐ]; no entanto, 11 alunos não se apercebem disso.

Quando a letra <e> se pronuncia como fonema [ɐ]:

- seguida das consoantes palatais [ʃ], [ʒ], [ɲ], [ʎ], pronuncia-se como [ɐ(j)]: **ve**jo, **se**ja, **fe**cho, **ve**nho, **te**lha, **espe**lho, **se**xta, **te**nho
- se junta com vogal <i>, pronuncia-se como [ɐj]: **pe**guei, **le**ite, **fe**ixe

Estas regras não são muito destacadas nas aulas de produção oral. Muitos alunos reconhecem <ei> como [ej], ou mais aberto, como [ɛj], dado o engano de grafema <e>. Nos conhecimentos e hábitos dos alunos chineses, [ɐ] é apenas transcrito como <a>, por isso, quando <e> aparece seguido das consoantes palatais, sempre é pronunciado como [ɛ] ou [e].

[ɛ], [e] e [i]

Distinguir a diferença também é uma parte difícil da aprendizagem das vogais. [ɛ] é uma vogal anterior e semiaberta, [e] é uma vogal anterior semifechada, sendo um par de som muito parecido. Conforme os dados dos entrevistados, 9 alunos têm dificuldade em distinguir estes dois sons. Note-se que identificar os casos em que ocorre o [ɛ] e [e] é uma parte confusa para os alunos chineses. Revelam-se várias regras mas existem sempre muitas exceções.

Quando letra <e> se pronuncia como fonema [ɛ]:

- nas sílabas tônicas ou acentuadas (**ela**, **erva**, **metes**)
- com um acento agudo (**pé**, **José**, **céu**, **anéis**)
- seguida da consoante lateral [l] ou da semivogal [w] (**possível**, **selva**, **réu**, **labéu**)
- nas sílabas átonas ou não acentuadas (**favorável**, **secção**)

As primeiras duas regras são mais conhecidas dos alunos chineses, a terceira e a quarta provavelmente não são muito destacadas o que constitui um grande desafio. Comparado com o fonema [ɛ], os casos em que ocorre o [e] traz mais confusão aos alunos chineses.

Quando a letra <e> se pronuncia como fonema [e]:

- nas sílabas tônicas ou acentuadas (**ele**, **acerto**, **felpo**)
- com o acento circunflexo. (**experiência**, **mês**, **você**)
- radical dos verbos da 2.^a conjugação cuja sílaba final é <a> ou <o>. (**deva**, **verto**)
- infinitivo de todos os verbos da 2.^a conjugação. (**fazer**, **trazer**, **ver**)
- futuro do conjuntivo dos verbos regulares da 2.^a conjugação. (**meter**, **bater**)
- terminações <-esse> e <-era> dos verbos regulares da 2.^a conjugação (**bebesse**, **comera**, **conhecera**)

- terminação <-emos> do Presente do Indicativo de todos os verbos da 2.^a conjugação (l**e**mos, faz**e**mos)
- terminação <-emos> do Presente do Conjuntivo dos verbos da 1.^a conjugação (cant**e**mos, am**e**mos, come**c**emos)

Destas regras, quando a letra <e> aparece com o acento circunflexo e aparece no infinitivo de verbos da 2.^a conjugação são as mais notados. Os resultados mostram que 13 alunos conseguem obedecer a estes dois casos mais regulares. Quando encontram a letra <e> que ocorre numa sílaba tónica, em princípio os alunos nem pensam em qual som deve ser produzido entre [ɛ] e [e], produzindo um fonema que eles acham correto, mais provável que se pronuncie como [ɛ], em vez de um som semifechado.

A letra <e>, além de ser pronunciada como [ɛ] e [e], quando aparece na sílaba átona, também nalguns casos pode ser pronunciada como [i] como, por exemplo, em sente, sabe, nenhuma. O fonema [i], como uma vogal central e fechada, é um som mais leve que [ɛ] e [e], às vezes, nem se pronuncia quando ocorre numa frase longa. Os participantes conseguem pronunciar este som de maneira correta, embora alguns não saibam como evitar produzi-lo destacadamente em frases.

[ɔ], [o] e [u]

O fonema [ɔ] e o fonema [o] são as vogais posteriores ou velares, só que o anterior é semiaberto e o posterior é semifechado. Quando se pronuncia o fonema [ɔ], a boca mantém um formato de círculo. Quando se pronuncia o fonema [o], os lábios ficam ligeiramente mais perto do que quando se pronuncia [ɔ]. No entanto, 11 participantes estão habituado a pronunciar [o] como [ɔ] em certos cenários.

Quando a letra <o> se pronuncia como fonema [ɔ]:

- nas sílabas acentuadas (c**o**me, h**o**ra, f**o**me, a**g**ora)

- com um acento agudo (dó*i*, óculos, só*t*ão, só)
- nas sílabas não acentuadas (você, oliveira, orelha)

Podemos observar que quando a letra <o> aparece com um acento agudo, pronuncia-se como [ɔ], e todos os alunos conseguem aperceber-se disso. No entanto, a letra <o> aparece sem o acento agudo numa sílaba quer acentuada, quer não acentuada, podendo ser pronunciada como [ɔ], ou pode ser pronunciada como os fonemas mais fechados. Não há regras fonéticas sistemáticas que explicam isso. Nos materiais didáticos do PE, há textos que tentam explicar isso de um modo geral: (i) nos muitos casos que ocorre <o> numa sílaba tónica, pronuncia-se [ɔ]; (ii) nos casos que ocorre <o> numa sílaba átona, pronuncia-se [o]. Os resultados revelam que há 2 participantes que ignoram pronunciar [ɔ] quando encontram <o> numa sílaba átona.

Muitas vezes, quando os participantes veem a letra <o>, simplesmente pronunciam [ɔ], uma vez que aparece com um acento, quer agudo, quer circunflexo, ou numa sílaba tónica; pronunciam [u], uma vez que aparece numa sílaba átona, esquecendo a existência do fonema [o]. De facto, em que condição temos de pronunciar este som parece que é uma parte difícil na fonologia do PE.

Quando a letra <o> se pronuncia como fonema [o]:

- seguida de nasal <n>, <m>, <nh> dos alguns verbos (domar, somar, sonhar)
- verbos terminados em <-oa> (coroa, magoa, perdoa)
- no radical dos verbos da 2.^a conjugação, cuja sílaba final contenha <o> ou <a> (como, coma, corro, corra)
- no caso das terminações <-or> e <-oso> (calor, cor, dor, bondoso)
- no caso de várias palavras terminadas em <-oa> (Lisboa, meloa, leoa, boa)

O fonema [o], além de aparecer nas sílabas acentuadas, às vezes, também aparece nas sílabas átonas, por exemplo, oitenta. Quando a letra <o> se junta com a letra <u>, também se pronuncia como [o], tais como <roubar>, <ouvir>, <sou>. 10

participantes pronunciam <ou> como [ɔ] em vez de [o].

Além disso, quando a letra <o> aparece nas sílabas átonas, muitas vezes é pronunciada como [u], tal como <caso>, <símbolo>, <gelado>. Note-se que quando a letra <o> aparece numa sílaba átona, parece que surge muita confusão, pode ser um dos fonemas [ɔ], [o] e [u]. Entretanto, quando <o> aparece numa sílaba tónica sem nenhum acento, pode ser pronunciado [ɔ] ou [o]. Mesmo que haja muitas regras mencionadas, os alunos têm de identificar qual o fonema que é certo para pronunciar. Por isso, os estudantes têm de ouvir mais materiais auditivos de PE, para os ouvidos se habituarem aos sons certos, porque isso ajuda a pronunciar os sons certos.

[i]

O fonema [i] pode ser transcrito como <i> e <e>. Todos os participantes conseguem pronunciar [i]. Quando <i> aparece em posição tónica ocorre geralmente [i]; quando <i> aparece em posição átona, ocorre geralmente também [i], mas em alguns casos ocorre [ɪ], tais como <militar>, <Filipe>; quando <e> aparece em posição átona ou em grafema <ea>, ocorre como [i], tais como <Helena>, <Beatriz>, <chatear>.

[u]

O fonema [u] pode ser transcrito como <u> e <o>. Apenas um participante pronuncia <o> ainda como [o] ou [ɔ] nalguns casos onde deve ser pronunciado como [u]. Quando <u> aparece na sílaba, quer tónica, quer átona, sempre se pronuncia como [u]; a letra <o> aparece na sílaba átona, muitas vezes é pronunciada como [u], como já se mencionou anteriormente.

III.4.7 Vogais nasais: [ĩ], [ẽ], [ɨ], [õ] e [ũ]

Além destas vogais orais, para os alunos chineses as vogais nasais são

relativamente mais difíceis, como podemos observar no quadro abaixo (quadro14).
 Praticamente todos os participantes pronunciam mal pelo menos uma vogal nasal.

Quadro 14 – Vogais nasais

| [ẽ] | [ẽ] | [ĩ] | [õ] | [ũ] |
|-----|-----|-----|-----|-----|
| x | X | x | x | x |
| x | | | x | x |
| x | x | | x | x |
| | x | | x | x |
| x | x | | x | |
| | | | | |
| | x | | x | x |
| x | x | x | x | x |
| x | x | x | x | x |
| | x | x | x | x |
| x | x | | | x |
| x | x | | x | x |
| | x | x | x | |
| x | | | | x |
| | x | | | |
| x | x | | | x |
| | x | | | |
| x | x | | | x |
| | x | | x | x |
| x | x | x | x | x |

Através dos resultados podemos observar que os participantes encontram um grande desafio na produção das vogais nasais. Assim: 12 participantes não conseguem efetuar a pronúncia do som de [̃ɐ] corretamente; 17 alunos encontram grande dificuldade de pronúncia do fonema [ẽ]; relativamente ao fonema [ĩ], apenas 6 alunos não conseguem pronúncia-lo bem de modo contínuo; 13 entrevistados cometem vários erros na pronúncia do fonema [õ]; 15 participantes não se apercebem da pronúncia do fonema [ũ] de uma maneira correta. Como não existem vogais nasais no sistema do Pinyin, convém conhecerem-se “dicas” para pronúncia estes sons e os grafemas relacionados; por outro lado, é preciso descobrir não só quais são as dificuldades na pronúncia, como também ajudar os estudantes nos ditongos nasais.

Quando se pronúncia o som de [̃ɐ], a cavidade oral tem de estar preparada para pronúncia a vogal semifechada [ɐ] e, ao mesmo tempo, deixar a parte do véu palatino descer. Uma parte do ar vai passar pela cavidade nasal, as cordas vocais vão vibrar e levar a cavidade nasal a vibrar. A letra <a> com til deve ser pronúnciada como [̃ɐ], tais como <amanhã>, <maçã> e <lã>. Além disso, os grafemas <an> e <am>, que não aparecem no final da palavra, também produzem o som de [̃ɐ], tais como <António>, <também> e <santo>.

Quando se pronúncia o som de [ẽ], baseado na vogal semifechada [e], também se deixa o ar entrar na cavidade nasal, produzindo o som de [ẽ]. O fonema [ẽ] só vai ser pronúnciado quando os grafemas <en> e aparecem e não no final da palavra, tais como <emprego>, , <lento> e <mente>.

Quando se pronúncia o fonema de [ĩ], baseado no fonema [i], também se deixa o ar entrar na cavidade nasal, produzindo o som de [ĩ]. Os grafemas <in> e <im> pronúnciam-se [ĩ], tais como <Pequim>, <sim> e <cinto>.

O fonema [õ] também baseia-se no fonema [o], só que é nasal. Quando se encontram os grafemas <on> e <om>, em qualquer posição da palavra, pronúnciam-se [õ]. Por exemplo: <bom>, <som>, <onde>, <monte>.

O fonema [ũ], cujo grafema correspondente é <un> e <um>, também se baseia no fonema [u]. <un> e <um> de <atum>, <nunca> e <mundo> são pronunciados como [ũ].

Porque razão os alunos cometem tantos erros na pronúncia das vogais nasais?

Primeiramente, como não existem as vogais nasais [ẽ], [ĩ], [õ] e [ũ], os alunos têm de aprender e praticar estes novos sons. No entanto, estes cinco sons são baseados nos [e], [i], [o] e [u] das cinco vogais orais. Conforme os dados anteriores, muitos participantes ainda não conseguem pronunciar bem [e], [i] e [o], daí que este facto influencie a produção das respetivas vogais nasais. Em segundo lugar, à exceção do fonema [ẽ], quando aparece com til, tal como <amanhã>, os alunos vão notar que <ã> deve ser pronunciado como [ẽ]. Na maior parte dos casos, as vogais correspondentes juntam-se sempre com <n> ou <m> como uma marca da nasalização. Devido ao seu hábito fonológico e conhecimento influenciado pelo Mandarim, muitos alunos chineses não notam que as consoantes nasais seguidas pela vogal são as marcas de nasalização, daí que não percebam que têm de pronunciar estas vogais como vogais nasais. No entanto, entre os alunos que conseguem pronunciar bem estas vogais nasais, a pronúncia destes sons revela as seguintes características: (i) um vozeamento bastante fraco quando os alunos ainda não sentem confiança para pronunciar estes sons; (ii) um vozeamento bastante forte entre as sílabas átonas dado que os alunos reforçam demasiado a pronúncia bem como estes sons não familiares; (iii) um vozeamento com uma pequena duração da pausa.

Estes problemas são muito comuns e é necessário tempo para os resolver. Os grafemas iguais no sistema do Pinyin têm uma influência negativa na produção das vogais nasais. Por exemplo, <banco> deve ser pronunciado como [bẽku], em que <an> se pronuncia como [ẽ], mas, de acordo com o hábito do Pinyin, <an> pronuncia-se como [an], <banco> vai ser pronunciado como [banku]. Em vez de deixar o ar passar pela cavidade nasal, depois de ter pronunciado [a], a língua toca nos alvéolos para preparar a pronúncia do fonema [n]. Não só as vogais se juntam com a letra <n>, mas também se juntam com a letra <m>, pelo que <sim> deve ser

pronunciado como [sǐ]. Mesmo que no sistema do Pinyin não exista um conjunto de vogais que se junta com a letra <m>, os alunos vão obedecer à regra de pronúncia de <m>, pronunciando <sim> como [sim], terminando com o fecho dos lábios.

Para concluir, os alunos vão encontrar três desafios para produzir os sons nasais:

- dominarem as “dicas” para pronunciarem bem as vogais nasais;
- aperceberem-se das marcas de nasalização;
- conseguirem ultrapassar as influências negativas da língua materna, para pronunciarem os conjuntos de grafemas de uma maneira correta.

III.4.8 Os Ditongos Orais

O ditongo é uma sequência de uma vogal e de uma semivogal (<i> e <u>), fonologicamente classificadas como consoantes, por razões distribucionais e articulatórias, e que se pronunciam de uma só emissão de voz. Há mais de 30 ditongos e tritongos no PE. De acordo com a frequência dos conjuntos de grafemas, os textos disponibilizados no inquérito abrangem 13 ditongos mais frequentes e típicos na aprendizagem do PE.

Quadro 15 – Ditongos orais

| [aj] | [ej] | [ɛj] | [oj] | [ɔj] | [uj] | [aw] | [ew] | [ɛw] |
|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| | x | x | x | x | | | | |
| | | | x | | | | | |
| | x | | | | | | x | |
| | | | | | | | | |
| | x | | | | | | x | |
| | | | | | x | | | |
| | x | | x | | | | | x |

| | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|--|---|---|
| | x | x | x | | | | x | |
| | x | | x | | | | | |
| | x | x | x | | | | | |
| | x | | | | | | x | |
| | x | | x | | x | | x | |
| | x | x | x | | | | | |
| | | | | | x | | | |
| | x | | | | | | | x |
| | | | | | | | | |
| | | | | | x | | | |
| | x | | | x | x | | | |
| | x | | x | | | | x | |
| | x | | x | x | | | x | |

[aj] pode ser transcrito como <ai> e <ae>, tais como <sais>, <pai> e <Moraes>. Quando se pronuncia este som, produz-se primeiro [a] que dura relativamente mais tempo, para depois, sem pausa, transferir-se ao som de [i] mais curto (quadro 15). Como ambos sons existem no sistema do Pinyin, para os participantes parece que não custa nada pronunciar-lo corretamente. Com efeito, nenhum participante pronunciou mal este fonema nas gravações.

[ɛj] é um ditongo relativamente mais complicado para os alunos chineses, porque não abrange apenas o fonema [ɛ] semiaberto, mas também a diversidade de conjuntos de grafemas. Como já se mencionou anteriormente, o som [ɛ] custa mais ou se nota mais para pronunciar corretamente e, muitas vezes, vai ser confundido com [a] e [ɛ]; por isso, na pronúncia deste ditongo, encontra-se o mesmo obstáculo como na vogal simples [ɛ]. Além disso, há muitos grafemas e casos que podem ser pronunciados com este som:

- as palavras que abrangem grafemas <ei>, tais como <peito>, <deitar> e <cantei>

- a letra <e> aparece seguida pelas consoantes palatais, tais como [ʃ], [ʒ], [ɲ] e [ʎ], as palavras típicas são <vejo>, <venho>, <espelho> e <sexta>

Nos hábitos e conhecimentos dos alunos chineses, o fonema [ɐ] é visto como uma alofone de [a], naturalmente, cujo grafema correspondente está relacionado com a letra <a>. No entanto, há imensos casos em que o ditongo [ɐj] vai ser pronunciado e nenhum deles abrange a letra <a>. Por isso, quando muitos alunos chineses encontram <ei>, pronunciam como [ej] ou [ɛj]; pronunciam <e> seguido pelas consoantes palatais como [i], [e] ou [ɛ], dependendo da posição da letra. Podemos observar (quadro 15) que apenas 6 participantes identificam e pronunciam bem este som.

A “dica” para pronunciar o ditongo [ɛj] é pronunciar [ɛ] primeiro e deslizar para um curto [i]. Os grafemas de [ɛj] são muito simples, que são <éi>, tais como <anéis>, <hotéis> e <papéis>. Convém salientar que não existe [ej] no PE, mas, no entanto, este som aparece sempre nos discursos na aprendizagem do PE, dado que os alunos chineses pronunciam mal os ditongos [ɛj] e [ɐj], soando como [ej]. Este som parece ser relativamente fácil uma vez que 16 participantes o pronunciam bem.

O ditongo [oj] consiste em [o] e [i], que pode ser comparado com o ditongo [ɔj]. O ditongo [oj] é mais fechado que [ɔj], havendo a possibilidade de ser pronunciado como [ɔj]. O conjunto de grafema de [oj] é <oi>, tais como <depois>, <foi> e <loira>, o de [ɔj] é <ói>, que se coloca um acento agudo na letra <o>. Pronuncia-se pela parte inicial mais vozeado e aberto, tais como <lençóis>, <herói> e <mongóis>. De acordo com os dados das gravações, há participantes que pronunciam <oi> como [ɔj], nalguns casos, sendo um problema comum. 10 alunos não conseguem pronunciar bem [oj] e 3 alunos não conseguem pronunciar bem [ɔj].

[uj] pode ser apresentado como <ui> no vocabulário do PE. Ambos [u] e [i] são vogais relativamente mais fáceis para os alunos chineses, mas não como [ɐj], os grafemas correspondentes podem ser enganosos, pelo que muitos chineses não se apercebem disso. Mesmo que <ui>, que existe no sistema do Pinyin, também seja transcrito como [ui], igual como no PE, é um conjunto de fonemas abreviados,

nomeadamente <ui> representa [uei]. 5 participantes pronunciam [uj] como [uei] sem consciência.

[aw] é um ditongo composto por [a] e um curto [u], podendo ser escrito como <au> e <ao>, tais como <mau>, <caudal> e <caos>.

Podemos analisar [ew] e [ɛw] ao mesmo tempo. Obviamente, iniciado com a vogal semifechada [e], o ditongo [ew] é mais fechado que o ditongo [ɛw].

III.4.9 Ditongos Nasais

Os ditongos nasais são os sons expelidos pela boca e pelas fossas nasais. No PE, há 4 ditongos nasais mais típicos: [ẽ̃j], [ẽ̃w], [õ̃j] e [ũ̃j]. De acordo com os dados do inquérito, os participantes chineses encontram uma grande dificuldade nesta área.

Quadro 16 – Ditongos Nasais

| [ẽ̃j] | [ẽ̃w] | [õ̃j] | [ũ̃j] |
|-------|-------|-------|-------|
| x | x | x | x |
| x | x | x | x |
| | | x | x |
| x | | x | |
| x | x | x | x |
| | | | |
| | | | |
| | x | | |
| x | | | x |
| x | x | | |
| | | x | |
| x | x | | |

| | | | |
|---|---|---|---|
| x | | | |
| x | x | | |
| | x | | |
| | x | | |
| | | | |
| | | x | x |
| x | | | |
| x | x | x | x |

[~v~j] é correspondente às grafias como <ãe>, <ãi>, e <en> no PE, tais como <mãe>, <cãibra>, <bem> e <Benfica>. No entanto, na prática da aprendizagem, os dados mostram que os alunos chineses não conseguem ligar estas grafias ao ditongo [~v~j]. À exceção de <ãe> e <ãi> que são mais parecidos graficamente a [~v~j], e <en> são as grafias que se revelam mais confusas. Deve mencionar-se que e <en> que não aparecem na última sílaba vão soar como [ẽ], tais como <lento>, <frente> e <tempo>, entretanto, quando aparecem na última sílaba e interpalavra soam como [~v~j], tais como <Benfica>, <bem> e <também>. Se os alunos não estiverem muito familiarizados com estas regras e não tiverem a percepção disso, irão cometer sempre estes erros, isto é, irão confundir [~v~j] e [ẽ], quando querem pronunciar e <en>. Assim, podemos observar que 11 dos alunos que participaram nesta atividade cometeram estes erros.

[~v~w] é um ditongo nasal composto por [v] e uma semivogal [w], iniciando com o fonema semifechado [v], deslizando a vogal curta [w], ao mesmo tempo, o ar passa pela cavidade nasal. No entanto, muitos alunos chineses não conseguem pronunciar bem este ditongo. [~v~w] é correspondente às grafias <ão> e <am> que ficam no final das palavras, tais como <mão>, <comeram> e <falaram>. Há alguns alunos que ainda estão a tentar pronunciar o som nasalizado, muitas vezes pronunciam sem nasalização,

pronunciando [ẽw] como [aw]. Além disso, com a interferência do Mandarim, nalguns casos, [ẽw] vai ser pronunciado como [aŋ] que é correspondente a <ang>. Este erro é muito comum na aprendizagem para os alunos chineses, o de identificar os ditongos nasais como finais com cauda nasalizada. No que diz respeito à grafia <am>, em vez de corresponder ao ditongo [ẽw], muitas vezes, os alunos vão ignorar que <am> no final de palavra é visto como [ẽw], e pronunciam-no como [a] mais uma consoante nasal [m]: por exemplo, <falam> deve ser pronunciado como [ˈfalẽw] e vai ser mal pronunciado como [ˈfalam], os lábios têm uma ação de fecho.

[õj] é um ditongo composto por [o] e [j], iniciando com o fonema semifechado [o], deslizando a semivogal curta [j], ao mesmo tempo, o ar passa pela cavidade nasal. No entanto, 8 participantes não se deram bem a produzir o som nasalizado, pronunciando [oj]. [õj] é correspondente ao grafema <õe>, tais como <põe>, <religiões> e <canções>.

O último ditongo nasal é [ũj], é correspondente à grafia <ui>, existindo apenas numa palavra - <muito>. No entanto, <muito> aparece muitas vezes no contexto quotidiano, por isso é muito importante pronunciar bem este som. Os dados deste inquérito mostram que 7 participantes pronunciam [ũj] como [uj] sem nasalização.

CAPÍTULO IV: PROPOSTAS DIDÁTICAS

IV.1 Metodologia e Sugestões para os alunos chineses no processo da aprendizagem das vogais e consoantes

Nos capítulos anteriores, já se analisaram as diferenças teóricas entre o Mandarim e o PE. Para além disso, através da recolha das gravações de leitura pelos 20 alunos chineses, fez-se a comparação e análise dos erros que eles cometeram repetidamente no aspeto fonológico, encontrando as dificuldades e problemas relacionados com as vogais e as consoantes. Neste capítulo, concentramo-nos nos erros da aprendizagem fonológica cometidos frequentemente pelos alunos chineses,

apresentando assim as abordagens e estratégias para os alunos e os professores poderem referir.

IV.1.1 Sugestão para ensino-aprendizagem

1. Iniciar de fácil para difícil, ajustar a ordem do ensino

Quer nas vogais, quer nas consoantes, deve-se dominar primeiro os sons mais fáceis e, gradualmente, conquistar as pronúncias mais difíceis. Assim, os alunos não vão sentir pressão de uma língua nova, algo que poderia gerar medo. No ensino das consoantes, podemos aprender os fonemas que existem no sistema do Pinyin ou os mais parecidos, tais como [m], [n], [l], [f], [s]; seguidamente, são as consoantes oclusivas [p] e [b], [t] e [d], [k] e [g] que existem no Pinyin, mas há diferença nos grafemas correspondentes; depois, as consoantes que não existem no Mandarim, tais como [ʀ], [r], [ʎ] e [ʒ]. Na aprendizagem das vogais, praticam-se as vogais mais comuns tais como [a], [i], [ɔ] e [u]; depois são as variantes tais como [ɐ], [e], [i̇] e [o] que são relativamente mais fechadas e aparecem nas sílabas átonas; em terceiro lugar, podem ser os ditongos que consistem nas vogais mencionadas acima, tais como [ai], [ɔi] e [au]; no final, são as vogais nasais, que são relativamente mais difíceis para os alunos chineses, e os ditongos nasais, tais como [ĩ̃j], [ĩ̃w] e [õ̃j].

2. Praticar os pontos fracos repetidamente

Quando se aprende uma língua nova, sempre aparecem fonemas que não existem na língua materna. Os alunos chineses que aprendem português também têm de encarar este desafio. Em primeiro lugar, o professor tem de fazer um exemplo de pronúncia, ajudando os alunos a conhecer a zona e o modo de articulação. Desta forma, os alunos poderão imitar e praticar, e o professor poderá corrigir a pronúncia, até os alunos se habituarem à mesma e a memorizarem. As formas de práticas fonéticas são diversas, por isso, os professores têm de confirmar os conteúdos das disciplinas e criar diferentes práticas relacionadas com a fonologia, aumentando a frequência dos jogos didáticos, para que as aulas se tornem mais dinâmicas, pois desta

forma os alunos terão mais interesse em aprender.

3. Aumentar a diversão

Contituando com a sugestão anterior, as tipos de exercícios devem ser mais diversificadas, de forma a que as aulas atraiam mais a atenção dos alunos. Visto que, as repetições ditas “simples” podem tornar-se aborrecidas, deve-se adicionar atividades mais divertidas que cativem os alunos, tais como, passar conteúdos multimédia, ensinar trava-línguas, passar as gravações das leituras dos alunos. Assim, os professores podem aproveitar todos os métodos de ensino disponíveis para ajudar os alunos.

4. Corrigir os erros na hora

Tanto num nível mais básico, como num nível mais alto, os alunos vão sempre cometer erros. Para além disso, o problema da fonologia vai acompanhar todo o percurso de aprendizagem. Por isso, os professores devem corrigir no momento os erros dos alunos. No entanto, os professores podem ter receio de desencorajar os alunos se estiverem a corrigi-los constantemente. A solução para este problema é que os professores tenham cuidado com a maneira como corrigem os alunos, para que estes não se sintam intimidados. Os professores têm de ser muito pacientes, principalmente no início da aprendizagem, pois é normal que os alunos cometam vários erros na pronúncia das palavras nesta fase, e por isso, devem fazer com que os alunos se sintam confortáveis para praticar na fase seguinte da aprendizagem.

5. Insistir na prática da fonologia a longo prazo

Como mencionado anteriormente, os professores devem ser pacientes, mas os alunos também devem fazer um estudo individual constante. Em particular, no início da aprendizagem fonética, os alunos devem seguir um plano de estudo sistemático para praticar a fonologia a longo prazo. Os alunos devem também aproveitar o entusiasmo inicial de aprender uma língua nova para reforçar os conhecimentos fonológicos básicos. Por exemplo, todas as manhãs, os alunos podem levar 20

minutos para ler os textos e ouvir a gravação do material didático.

IV.1.2 Metodologia para melhoramento da pronúncia das consoantes

As dificuldades consonânticas que os alunos chineses encontram são as oclusivas sonoras: [b], [d] e [g]; as constrictivas: [ʒ], [ʌ], [ɾ], [ʀ] e [ʔ]. Os erros relacionados a estes fonemas são que os alunos não conseguem aperceber-se da zona de articulação, não dominam os modos de pronúnciação ou são influenciado pelo Mandarim. Por isso, de acordo com as situações reais dos alunos, apresentam-se as metodologias para melhorar as suas pronúncias.

1. identificar a zona e o modo de articulação

Não existem consoantes oclusivas e sonoras no Mandarim, os grafemas como , <d> e <g>, pronunciam-se como [p], [t] e [k], os sons oclusivos mas surdos. No entanto, os grafemas <p>, <t> e <k>, pronunciam-se como [pʰ], [tʰ] e [kʰ], os sons oclusivos, surdos e aspirados. Se os alunos querem pronunciar bem estes grafemas no PE, em primeiro lugar, os alunos terão de desistir pronunciar os sons aspirados quando encontram grafemas <p>, <t> e <k>. No início, os alunos vão estranhar, mas como [p], [t] e [k] existem no Mandarim, com o tempo eles vão-se habituar. Em segundo lugar, fazer os sons surdos [p], [t] e [k] tornarem-se sonoros, como [b], [d] e [g]. Como os alunos chineses não conseguem pronunciar estes sons corretamente, sugere-se que possam usar uma consoante nasal para fazer a cordas vocais vibrarem. Por exemplo, os alunos podem pronunciar [m] primeiro, quando realizarem este som, sem fazer pausa, pronunciam [p], daí que se pronuncia como [b]. Aproveitando outras consoantes sonoras mais conhecidas, os alunos poderão pronunciar outras desconhecidas.

2. Os professores devem apresentar as articulações com exageração

Depois de apresentar a zona e o modo de articulação, os professores terão de apresentar com exemplos. Para os alunos poderem observar os detalhes, os professores têm de pronunciar com exageração e mais devagar, a fim de que os alunos

possam imitar. Em relação ao fonema [ɿ], que é variante do fonema [ɪ], em princípio aparece no final da sílaba. No entanto, em vez de pronunciar como [ɿ], os alunos chineses costumam pronunciar como semivogal [w], tais como <hotel>, que deve ser pronunciado como [o'teɪ], muitas vezes vai ser pronunciado como [o'tew]. Por isso, quando apresentarem esta variante, os professores podem manter a boca aberta, fazendo a demonstração da língua a tocar nos alvéolos, clarificando a diferença entre [ɿ] e [w]. Depois de apresentação, os professores podem guiar os alunos a pronunciar-lo e a praticá-lo.

3. Comparar os fonemas relacionados

Nalgumas partes do ensino-aprendizagem, de acordo com algumas semelhanças dos fonemas entre duas línguas, os professores podem compará-los, de forma a que os alunos possam aperceber-se dos pontos parecidos e procurar os pontos diferentes. Por exemplo, [ʒ] no PE e [ʒ] no Mandarim. No PE, o fonema [ʒ] pode ser pronunciado pelas letras <g>, <j> e <s>, é uma consoante fricativa, palatal e sonora. No entanto, o fonema [ʒ] no Mandarim, cujo grafema correspondente é <r>, é uma consoante fricativa, retroflexa e sonora. Estes dois sons soam muito parecidos, os modos de articulação são iguais, a maior diferença entre estes fonemas é a zona de articulação. Os professores podem comparar e analisar este par de fonemas, aproveitando imagens da cavidade bucal, as gravações de áudio original e outros materiais audiovisuais para os alunos poderem conhecer melhor e pronunciar melhor o fonema [ʒ].

Não fazer apenas a comparação entre as duas línguas, como também poder comparar dois novos fonemas na língua-alvo. Por exemplo, o fonema [r] e o fonema [ʀ] são consoantes vibrantes e sonoras. Os professores podem apontar as zonas de articulação, o som de [r] é produzido pela língua e alvéolos: a língua tem de tocar na zona dos alvéolos, depois com uma vibração simples, o ar passa pela cavidade oral, produzindo esta consoante vibrante simples. Como é difícil praticar o fonema [r] isoladamente, sugere-se que se junte esta com outras consoantes, tais como [tr] e [dr]. O fonema [ʀ] é pronunciado pela zona da úvula, o ar passa pela cavidade oral, fazendo a úvula vibrar várias vezes. Como ambos [ʀ] e [r] são transcritos apenas pela

letra <r>, podemos ensinar estes dois fonemas ao mesmo tempo, entretanto, clarificando que <r> inicia a palavra, aparece seguido de algumas letras consonânticas tais como <l>, <n>, <s> e <r>, pronuncia-se como [ʀ]; <r> aparece noutra posição da palavra, pronuncia-se como [r]. Estes fonemas são mais difíceis para os alunos chineses, levando muito tempo para pronunciá-los corretamente.

IV.1.3 Metodologia para o melhoramento da pronúncia das vogais

De acordo com os dados da entrevista, as dificuldades que os alunos chineses encontram na pronúncia das vogais concentram-se nestes aspetos: redução vocálica, ignorância relativamente à correspondência entre fonemas e grafemas e fonemas nasais. Por isso, vou apresentar alguns exemplos de cada aspeto e tentar encontrar abordagens para resolver alguns problemas.

1. Tentar pronunciar as palavras com um som menos forte

Como outras línguas românicas, o PE também tem um fenómeno da língua que é a redução vocálica. Redução vocálica é um enfraquecimento de uma vogal na posição átona, tais como <a> em <mala>, <o> em <tudo> e <e> em <humilde>. As vogais vão tornar-se mais fechadas. [a] torna-se em [ɐ], [ɔ] vai tornar-se em [o] ou [u], [ɜ] torna-se em [e] ou [i], [i] vai tornar-se em [i]. Os alunos chineses habituam-se a ignorar as vogais reduzidas, pronunciando-as muito abertas. Por exemplo, os alunos pronunciam <sala> como [ˈsala], em vez de [ˈsalɐ]; pronunciam <família> como [faˈmilia], em vez de [fɐˈmiliɐ]. Para revolver este mau hábito, os professores podem realçar a importância da redução vocálica quando os alunos começam a aprender a pronúncia, guiando-lhes para produzirem as palavras de uma maneira mais suave. Por um lado, produzir as frases e palavras com um som mais suave e menos forte é mais próximo do hábito dos portugueses, isso vai ajudar no futuro a imitar as maneiras de falar dos falantes nativos; por outro lado, as sílabas que contêm as vogais reduzidas são normalmente pronunciadas mais fracas e fechadas. Sendo que, é mais provável que haja mais vogais reduzidas do que vogais tónicas. Na palavra, existe sempre uma única sílaba tónica, e as outras são sílabas átonas, logo a maior parte das vogais vão

ter enfreqüecimento. O falante pode produzir a sílaba tónica mais articulada e aberta, e manter as sílabas átonas menos articuladas. Normalmente, alterar o som fechado para aberto é mais fácil e bem pronunciado do que alterar o som aberto para fechado. Por isso, quem se habitua a produzir suavemente, vai levar menos tempo e energia para ajustar a sua pronúncia para se aproximar aos nativos.

2. Conhecer a correspondência entre fonemas e grafemas

De acordo com os dados de gravações e outras investigações, os alunos chineses não prestam muita atenção aos fonemas e, especialmente, a ligação entre os fonemas e as grafemas correspondentes. As vogais como [ɤ], [o] e [e] são mais frequentemente mal pronunciadas. As razões para tal correspondem aos seguintes três pontos: em primeiro lugar, estas três vogais não existem no Mandarim; em segundo lugar, os alunos não dominam o método de pronúncia destas três vogais, sem conhecer exatamente a posição da ápice e do dorso da língua e a forma da boca destes três fonemas; em terceiro lugar, os alunos não conseguem identificar que as letras aparecidas na palavra são correspondentes a este fonema. Por exemplo:

- Na palavra <ano>, alguns alunos pronunciam como [ʼanu] em vez de [ʼɛnu]. Eles não sabem que a palavra <ano> é transcrita como [ʼɛnu], por isso, não conseguem pronunciar corretamente.
- A palavra <sou>, que deve ser pronunciada como [so], muitos alunos pronunciam como [sow].
- A palavra <tem>, que deve ser pronunciada como [tʰɛ̃j], muitos alunos pronunciam como [tem].

Os alunos não conhecem bem a correspondência entre fonemas e grafemas. Para resolver isso, os professores podem incentivar os alunos a conhecerem mais os transcritos fonéticos quando começam a ensinar fonologia, explicando pacientemente os fonemas com as imagens da cavidade oral. Além disso, é necessário que os professores possam agrupar os fonemas semelhantes e explicar as suas diferenças.

Com a apresentação e os exemplos que os professores elaboram, os alunos conseguirão conhecer melhor a posição da língua e a pronúncia dos fonemas. Para ajudar os alunos a pronunciar corretamente as palavras, é importante que o professor demonstre que grafemas podem ser transcritos para quais fonemas. No entanto, este processo revela uma certa complexidade. Logo, deve ser realizado do mais fácil para o mais difícil, tendo em conta que, as letras vocálicas podem ter correspondência com vários fonemas, sendo que algumas delas são regulares.

Deve-se identificar o fonema da vogal de acordo com os timbres. Por exemplo, quando as letras <a>, <e> e <o> encontram acento agudo [´], vão ser pronunciadas como [a], [ɛ] e [ɔ]; quando encontram acento circunflexo [^], vão ser pronunciadas como [ɐ], [e] e [o]; quando a letra <a> e <o> encontram til [~], vão ser nasalizadas, pronunciadas como [ã] e [õ]. A letra com os timbres é mais fácil para reconhecer e identificar a sua pronúncia.

Identificar o fonema da vogal de acordo com as regras: além dos timbres, existem também várias regras para identificar o fonema da vogal numa palavra. Por exemplo, quando a letra <a> aparece numa sílaba tónica e seguida pelas letras <m> e <n> e <nh>, vai ser pronunciada como [ɐ], tais como <a> em <**ano**>, <**amamos**> e <**banho**>; quando a letra <o> aparece no final da palavra e sem acentuação nem timbres, vai ser pronunciada como [u], tais como <o> em <tudo>, <trabalho> e <conheço>; quando a letra <e> aparece seguida das consoantes palatais [ʃ], [ʒ], [ɲ], [ɫ], pronuncia-se como [ɐ(j)]: <vejo>, <seja>, <fecho>, <venho>, <telha>, <espelho>, <sexta>, <tenho>. No PE, existem muitas regras assim, os professores podem fazer uma espécie de conclusão ou resumo para cada sessão de ensino fonológico, para que os alunos possam memorizar e pronunciar corretamente os fonemas sem pensar.

Mesmo que haja muitas regras para identificar o fonema exato das vogais, existem também muitos cenários irregulares. Por exemplo, a letra <e> aparece na sílaba tónica, em <ele> pronuncia-se como [e], enquanto em <ela> pronuncia-se como [ɛ]; a letra <o> aparece na sílaba átona, em <você> pronuncia-se como [ɔ], em <fado>

pronuncia-se como [u] e em <sonhar> pronuncia-se como [o]. Esta parte custa mais para aprender, os alunos têm de ouvir mais e memorizar mais palavras no processo de aprendizagem.

3. Prestar mais atenção às vogais nasais

Nasalização é uma característica muito marcante na língua portuguesa, a pronúncia das vogais e ditongos nasais também é visto como uma parte mais difícil na fonética. Segundo os dados das gravações, os alunos chineses encontram um grande desafio na pronúncia das vogais nasais. Nota-se que alguns alunos ainda não conseguem produzir o som nasalizado, produzindo <não> como [naw] , em vez de [ñẽw]. Neste caso, os professores têm de ensinar os alunos a utilizarem o nariz para produzirem este som, sentirem o nariz a vibrar e o ar a passar pela cavidade nasal. Alguns alunos são capazes de pronunciar bem as sílabas nasais isoladamente, no entanto, não conseguem pronunciar as vogais nasais corretamente quando lêem um texto calmamente. Perante este grupo de alunos, os professores devem encorajá-los a fazer mais exercícios de leitura para que estes possam produzir as sílabas nasalizadas naturalmente. Cada aluno pode ter a sua própria dificuldade em pronunciar corretamente os fonemas, logo os professores devem ter em atenção a situação específica de cada um e arranjar uma estratégia adequada, como forma a ajudá-los a superar este obstáculo.

IV.2 Consideração Final

Ao longo deste trabalho analisaram-se as dificuldades fonéticas do PE para os alunos chineses, concluindo-se os erros comuns cujos alunos ainda não conseguem pronunciar bem ou até não têm consciência dos mesmos. Neste caso, exige-se que ambos os alunos e os professores encontrem as abordagens certas para corrigir os erros que ainda persistem. Seguidamente, vou apresentar as minhas sugestões para que tanto os professores e os alunos possam utilizar como referência.

Os professores podem selecionar um pequeno texto para os alunos fazerem uma gravação de leitura. Este texto pode abranger a maioria dos fonemas e menos vocabulários desconhecidos, assim os alunos podem ler o texto mais calmamente e sem cometer erros por culpa do desconhecimento das palavras, daí que a gravação vai manifestar os hábitos verdadeiros da pronúncia. Seguidamente, de acordo com as gravações, os professores podem fazer algumas marcas e notas na folha que vai ser anexada no final da dissertação, sendo que a marcação com uma cruz (X) significa que este aluno não pronuncia bem este som. Depois de escutar todas as gravações, os professores poderão saber quais são os erros mais comuns, daí que poderão preparar uma aula particular dedicada aos erros mais cometidos, tornando a aprendizagem mais eficaz; também poderão ver os erros específicos de cada aluno através destas folhas, daí que poderão ensinar os alunos um a um para melhorarem a sua pronúncia.

Agora que já se encontraram os erros, os professores devem analisar os motivos que causam estes mesmo erros, agrupando-os nas seguintes categorias: interferência da língua materna, falta de conhecimento do vocábulo, ou não saber como pronunciar. Nos erros relacionados com a interferência da língua materna, os professores poderão comparar estes fonemas com os fonemas parecidos ao Mandarim, realçando as diferenças. Em certos cenários, os alunos podem identificar os grafemas para fonemas errados. Por exemplo, alguns alunos pronunciam <sei> como [sej] sem saber que não existe ditongo [ej] no PE. Por isso, os professores não podem apenas pronunciar <sei>, mas também têm de ensinar repetidamente o transcrito <ei> no PE é [ej], quando se pronuncia, a boca fica ligeiramente mais aberta. Estes erros quando não são lembrados por outras pessoas, vão ser sempre ignorados pelos alunos. Além disso, existem alguns fonemas que podem demorar muito tempo para se pronunciar corretamente. Por exemplo, os fonemas como [r], [ʌ] e [ẽ], os alunos ainda não conseguem pronunciar-los. Neste caso, os professores têm de exemplar com imagens da cavidade oral e nasal, os áudios produzidos pelos nativos e os vídeos didáticos, de forma a que os alunos possam sentir, imitar e praticar os fonemas menos familiares.

Os alunos têm de manter uma boa atitude de aprendizagem, dado que os erros

mais cometidos são os mais difíceis, é natural levar mais tempo para superá-los. Além disso, os alunos também têm de reconhecer que não há nenhum fonema menos importante para aprender numa nova língua, não podem desistir de um ou de uns fonemas que sintam ser mais difíceis. Para falar bem o PE, temos de prestar atenção a todos os fonemas. Os alunos têm de ouvir as sugestões dos professores para saber quais são os seus próprios erros e como corrigí-los, ao mesmo tempo podem descobrir os erros através da comunicação oral com nativos e ouvir áudios originários de Portugal. A última sugestão é “a prática leva à perfeição”. Para melhorar a pronúncia, não chega apenas um ou dois dias, é necessário um estudo diário e sistemático, pois todos os dias são fulcrais na aprendizagem. Os alunos podem fazer um plano de fonética, selecionando uma série de textos ou áudios para ler e ouvir, fazendo a sua própria gravação. Seguidamente, poderão comparar a gravação com o áudio original, como forma a encontrarem quais são os pontos mais fracos. O aluno deverá continuar com este plano adequado às suas necessidades por um longo prazo de tempo, praticando-o todos os dias.

Para finalizar, o trabalho foca-se nos erros fonéticos que os alunos chineses cometem, através da comparação dos sistemas fonéticos do PE e do Mandarim, como forma a conhecer as influências da língua materna. Seguidamente, de acordo com os dados das gravações das entrevistas, revelaram-se as dificuldades mais comuns para os alunos chineses. Finalmente, segundo os erros mais cometidos pelos alunos chineses, apresentaram-se algumas metodologias e estratégias para que estes possam melhorar a sua pronúncia. Espero que esta dissertação possa ajudar os professores e os alunos, assim como, os colegas que querem estudar mais profundamente esta área.

BIBLIOGRAFIA

Souza, Marcela Ortiz Pagoto. (2009). *A Fonética Como Importante Componente Comunicativo para o Ensino de Língua Estrangeira*. Revista Prolíngua, Vol. 2, nº1.

Barroso, Henrique. (1995). *Recensão a Barbosa, Jorge Morais, Introdução ao Estudo da Fonologia e Morfologia do Português*. Braga: Universidade do Minho.

Barroso, Henrique. (1996). *Os Sistemas Fonemático e Grafemático do Português Actual OU das Relações Fone-Fonema- Grafema-Letra*. Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.

Bonamy, Sara Manuela Campos. (2013). *Ensino e Aprendizagem de Chinês de alunos do 2º e 3º Ciclos*. Universidade do Minho.

Camões, Luís. (1972). *Os Lusíadas. Leitura, prefácio e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão*, Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

Chomsky, Noam e Halle, Morris. (1968). *The sound pattern of English*, Nova Iorque: Harper and Row.

Cobbs, Leticia. (2017). *O Ensino de Português como Língua Estrangeira nos EUA: A oralidade na Perspectiva do Aluno*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Concelho da Europa. (2001). *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas: aprendizagem, ensino e avaliação*.

Espada, F. (2017). *Manual de fonética*. Lisboa: Lidel.

Graça, Tânia Sofia Monteiro Rodrigues (2016). *A aprendizagem colaborativa no contexto do ensino-aprendizagem do português língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado em Português Língua Segunda/Língua Estrangeira. Porto: Faculdade de letras da Universidade de Lisboa.

Jiang, Chang. (2019). *Análise da Situação Atual do Ensino da Língua Portuguesa na China*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Mateus, M. H., Falé, I. e Freitas, M. J.. (2005). *Fonética e Fonologia do Português*, Lisboa: Universidade Aberta.

Mateu, Maria Helena Mira. (2001). *Investigação em Fonologia do Português*. D.E.L.T.A., 17:ESPECIAL. Universidade de Lisboa.

Mourato, Sara Filipa Torrão (2014). *Representações da Língua Portuguesa por falantes de língua chinesa*. Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa Área de Especialização em Metodologia do Ensino de PLE-PL2. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Nunes, Anabela Cardigo. (2013). *A Motivação como Fator Essencial para a Aprendizagem de uma Língua Estrangeira*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

RAN, Mai (2006). *Aprender Português na China—o curso de licenciatura em Língua e Cultura Portuguesas da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai: estudo de caso*. Tese de mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Rodríguez, Maria Helena (1998). *Variáveis contextuais da aprendizagem da Língua Portuguesa por aprendentes chineses*. Tese de Mestrado. Macau: Universidade de Macau-Instituto de Estudos Portugueses.

Roos, L. (2010). *Fonética Lúdica: Brincando com os sons*. Editora Sotaque.

Roos, L. (2004). *Fonética: O samba dos sons*. Editora Sotaque.

Sá, R. L., Grosso, M. J. (2020). *Português para falantes de outras línguas*. Lisboa: Editora Lidel.

Shieh, Elizabeth Ann. (2018). *Objetivo e metodologia do ensino do Português aos alunos Chineses*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Soeiro, Rita Coimbra. (2010). *Dificuldades dos Hispanofalantes na Aprendizagem da Pronúncia do Português Língua Estrangeira*. Porto: Faculdade de Letras de Universidade do Porto.

Veloso, João. (1997). “Vozeamento, duração e tensão nas oposições de sonoridade das oclusivas orais do português”, in *Línguas e literaturas, XIV*, Porto: Faculdade de Letras, pp. 59-80.

Veloso, João. (2012). *Vogais Centrais do Português Europeu Contemporâneo: Uma Proposta de Análise à Luz da Fonologia dos Elementos*. Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 47, n. 3, p. 234-243.

Veloso, João. (2017). Palavra mínima em português europeu: a oralização de abreviações. *Revista de linguística*, 61 (1).

Wang, Suoying. (2015). *Lexicultura na Língua Chinesa e na Lexicografia Bilingue de Chines-português*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Wang, Suo Ying. (1991). *O português para um chinês: abordagem simultânea sobre os métodos de ensinar português aos chineses*. Viseu: Inst. Rainha D. Leonor.

Ye, Zhiliang. (2014). “Algumas considerações sobre a expansão do ensino da língua portuguesa na China”, in Grosso, M. J. (ed.), Godinho, A. P. C. (coord.), *O português na China*, Lisboa: Lidel.

Zhang, Meiqi. (2019). *O Ensino-Aprendizagem da Fonética do Português Europeu a/por Estudantes Chineses: Influências Diatópicas da Língua Materna*. Universidade do Minho.

Zheng, Shanpei. (2010). *O Ensino da Língua Portuguesa na China: Caracterização da Situação Actual e Propostas para o Futuro*. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

ANEXO

AS CONSOANTES

| | P-1 | P-2 | P-3 | P-4 | P-5 | P-6 | P-7 | P-8 | P-9 | P-10 | Adição |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|--------|
| [p] | | | | | | | | | | | |
| [b] | | | | | | | | | | | |
| [t] | | | | | | | | | | | |
| [d] | | | | | | | | | | | |
| [k] | | | | | | | | | | | |
| [g] | | | | | | | | | | | |
| [f] | | | | | | | | | | | |
| [v] | | | | | | | | | | | |
| [s] | | | | | | | | | | | |
| [z] | | | | | | | | | | | |
| [ʃ] | | | | | | | | | | | |
| [ʒ] | | | | | | | | | | | |
| [l] | | | | | | | | | | | |
| [λ] | | | | | | | | | | | |
| [ç] | | | | | | | | | | | |
| [ʀ] | | | | | | | | | | | |
| [m] | | | | | | | | | | | |
| [n] | | | | | | | | | | | |
| [ɲ] | | | | | | | | | | | |

AS VOGAIS

| | P-1 | P-2 | P-3 | P-4 | P-5 | P-6 | P-7 | P-8 | P-9 | P-10 | Adição |
|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|--------|
| [a] | | | | | | | | | | | |
| [ɐ] | | | | | | | | | | | |
| [ã] | | | | | | | | | | | |
| [ɔ] | | | | | | | | | | | |
| [o] | | | | | | | | | | | |
| [õ] | | | | | | | | | | | |
| [ɛ] | | | | | | | | | | | |
| [e] | | | | | | | | | | | |
| [ê] | | | | | | | | | | | |
| [i] | | | | | | | | | | | |
| [ɨ] | | | | | | | | | | | |
| [ĩ] | | | | | | | | | | | |
| [u] | | | | | | | | | | | |
| [ũ] | | | | | | | | | | | |

OS DITONGOS MAIS APARECIDOS

| | P-1 | P-2 | P-3 | P-4 | P-5 | P-6 | P-7 | P-8 | P-9 | P-10 | Adição |
|------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|--------|
| [aj] | | | | | | | | | | | |
| [ɛj] | | | | | | | | | | | |
| [ãj] | | | | | | | | | | | |

| | | | | | | | | | | | |
|-------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| [ɔj] | | | | | | | | | | | |
| [oj] | | | | | | | | | | | |
| [õ~j] | | | | | | | | | | | |
| [ej] | | | | | | | | | | | |
| [uj] | | | | | | | | | | | |
| [ũ~j] | | | | | | | | | | | |
| [aw] | | | | | | | | | | | |
| [ẽ~w] | | | | | | | | | | | |
| [ɛw] | | | | | | | | | | | |
| [ew] | | | | | | | | | | | |